

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

CONVERSÃO

COMO
DEUS CRIA
UM POVO



MICHAEL LAWRENCE



A conversão é essencial e há conceitos equivocados a seu respeito. Lawrence entende esse fato e explica, de modo simples e convincente, o que a Bíblia ensina. Esse pequeno livro é um grande presente.

Mark Dever, pastor da igreja Capitol Hill Baptist Church de Washington, DC, EUA; presidente do ministério 9Marks

Esse recurso tem tudo o que é necessário para o discipulado: clareza pastoral, relevância urgente, brevidade prática e fidelidade às Escrituras. Cada linha e cada capítulo trazem temas para debates importantes sobre o que a Palavra diz a respeito do evangelismo, da conversão e da igreja. Sou extremamente grata por Michael Lawrence ter escrito esse livro, que consultarei com frequência.

Gloria Furman, autora de *A esposa de pastor, Sem tempo para Deus e Vislumbres da graça* (Fiel)

Um estudo realista, claro, prático, objetivo e biblicamente persuasivo sobre a natureza e a necessidade da conversão — um livro excelente.

David F. Wells, professor e pesquisador no Gordon-Conwell Theological Seminary; autor de *Coragem para ser protestante: amantes da verdade, marqueteiros e emergentes no mundo pós-moderno* (Cultural Cristã)

Esse é um livro norteado pelas Escrituras e extremamente relevante tanto para pastores como para ovelhas. Michael Lawrence acerta em cheio quando trata da experiência de conversão. Nascer de novo não é resultado de uma oração superficial, emocional e humanamente motivada. Temos aqui um convite para reexaminar as Escrituras e entender que a conversão é uma obra divina do começo ao fim, o que deve ficar claro pela maneira de os verdadeiros discípulos viverem em obediência a Cristo motivada pelo amor; pelo interesse que demonstram em pertencer a um grupo local de cristãos aos quais prestam contas e pelo modo em que vivem o evangelho em santidade e praticam o evangelismo. A conversão requer arrependimento, e o arrependimento requer uma obra do Espírito Santo. É um prazer ver esse livro ser publicado neste momento.

Miguel Núñez, pastor titular da Iglesia Bautista Internacional, Santo Domingo, República Dominicana; presidente do ministério Wisdom and Integrity

Nesse livro importante, Michael Lawrence focaliza com clareza a teologia bíblica da conversão. Seu objetivo não é dar a entender que a conversão nos torna agradáveis, pois é possível sermos agradáveis sem sermos convertidos. Em contrapartida, a conversão não é uma questão de mera subjetividade, pois é possível sentir-se convertido e não ser. Lawrence argumenta que a conversão é um ato iniciado por Deus (regeneração) que dá seus frutos nos seres humanos (arrependimento e fé). Esse transbordamento da graça de Deus não apenas permite que nos arrependamos e creiamos, mas também nos capacita para que sejamos inseridos no povo que Deus criou em Cristo Jesus. Em resumo, a conversão chega a seu ápice quando participamos como membros na igreja local. Recomendo esse livro com grande entusiasmo.

Jonas Madureira, pastor titular da Igreja Batista da Palavra, São Paulo, Brasil

A verdadeira conversão não é uma fachada de “bom comportamento”, nem depende de uma decisão pontual tomada anos atrás. A verdadeira conversão é nada menos que o novo nascimento, a nova criação e a nova vida em Cristo. Esse livro oferece um relato claro e

convincente da conversão de acordo com as Escrituras. Mostra que a compreensão correta é essencial para a vida de todo cristão e de toda igreja. Altamente recomendado.

Constantine R. Campbell, professor adjunto de Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School

Com precisão teológica, mas linguagem clara e acessível, Michael Lawrence nos guia pelas Escrituras para nos ajudar a entender o que é a verdadeira conversão e que frutos a evidenciam. Esse é um livro que gostaria que todos os membros de nossa igreja tivessem em mãos.

Sugel Michelen, Iglesia Bíblica del Señor Jesucristo, Santo Domingo, República Dominicana

Se há um assunto a respeito do qual Satanás tentou confundir as pessoas, é a natureza da verdadeira conversão. Não há maneira melhor de enviar pessoas religiosas para o inferno do que levá-las a pensar que são convertidas quando na verdade não são. Michael Lawrence esclarece essa questão ao desenvolver a verdade muitas vezes esquecida da regeneração, o alicerce da conversão. Conclui com as implicações básicas dessa verdade quando tratada na proporção permitida pela Bíblia. É um escritor habilidoso que oferece medidas generosas de conselho pastoral. Recomendo fortemente a leitura desse livro agradável a todos nós que nos sabemos verdadeiramente convertidos, a fim de que não desencaminemos outros.

Conrad Mbewe, pastor da igreja Kabwata Baptist Church, Lusaka, Zâmbia; presidente da African Christian University de Lusaka, Zâmbia

CONVERSÃO

Série 9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis

MARK DEVER E JONATHAN LEEMAN, organizadores

Pregação expositiva (David Helm)
O evangelho (Ray Ortlund)
Evangelização (J. Mack Stiles)
Membresia na igreja (Jonathan Leeman)
Disciplina na igreja (Jonathan Leeman)
Discipulado (Mark Dever)
Presbíteros (Jeramie Rinne)
Sã doutrina (Bobby Jamieson)
Conversão (Michael Lawrence)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lawrence, Michael

Conversão: como Deus cria um povo / Michael Lawrence; tradução de Susana Klassen. - São Paulo: Vida Nova, 2017.

144 p. (Série 9marcas)

ISBN 978-85-275-0795-0 (recurso eletrônico)

Título original: *Conversion: how God creates a people*

1. Conversão ao Cristianismo 2. Igreja 3. Vida Cristã I. Título II. Klassen, Susana III. Série

17-1254

CDD 248.24

Índices para catálogo sistemático:

1. Conversão ao Cristianismo

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

CONVERSÃO

COMO
DEUS CRIA
UM POVO

MICHAEL LAWRENCE

Tradução
SUSANA KLASSEN


VIDA NOVA

©2017, de Michael Lawrence

Título do original: *Conversion: how God creates a people*,
edição publicada por CROSSWAY (Wheaton, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 75, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2017

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas
diretamente da English Standard Version (ESV). As citações com
indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente
da New International Version (NIV).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO E

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Larissa Malkomes

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Darren Welch Design

Imagem Wayne Brezinka

Vania Carvalho (adaptação)

Para Adrienne,
cujo amor por mim
é uma recordação diária
do evangelho.

Antes não éreis povo;
mas agora sois povo de Deus;
antes não tínheis recebido misericórdia,
mas agora recebestes misericórdia.

1 PEDRO 2.10

SUMÁRIO

Prefácio da *Série 9Marcas*

Introdução

- 1 Pessoas nascidas de novo, não pessoas agradáveis: a indispensabilidade da regeneração
- 2 Salvos, não sinceros: obra de Deus, não nossa
- 3 Discípulos, não decisões: o caráter de nossa resposta
- 4 Santos, não sarados: implicações para a vida cristã
- 5 Diferentes, não desenhados “sob medida”: implicações para a vida comunitária da igreja
- 6 Convoque, não convença: implicações para o evangelismo
- 7 Avalie antes de assegurar: implicações para o ministério
- 8 Caridosos, não cuidadosos: o perigo de uma igreja excessivamente pura

Conclusão

PREFÁCIO DA SÉRIE 9MARCAS

Você acredita ser sua responsabilidade ajudar a construir uma igreja saudável? Se você é cristão, cremos que é o que deve fazer.

Jesus ordena que você faça discípulos (Mt 28.18-20). Judas manda que você se edifique na fé (Jd 20,21). Pedro o conclama ao uso de seus dons para servir às pessoas (1Pe 4.10). Paulo o chama a dizer a verdade em amor, a fim de que sua igreja amadureça (Ef 4.13,15). Percebe onde estamos chegando?

Seja você membro ou líder da igreja, a série *9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis* tem como alvo ajudá-lo a cumprir esses mandamentos bíblicos e, assim, desempenhar sua parte na construção de uma igreja saudável. Em outras palavras: esperamos que esses livros o ajudem a crescer em amor por sua igreja, assim como Jesus a ama.

O Ministério 9Marcas planeja produzir um livro pequeno e de fácil leitura sobre cada uma das características que Mark Dever chamou “as nove marcas da igreja saudável”, com um volume extra sobre a sã doutrina. Leia também os livros sobre pregação expositiva, teologia bíblica, o evangelho, evangelização, membresia na igreja, disciplina bíblica na igreja, discipulado bíblico e liderança bíblica na igreja (presbíteros).

As igrejas locais existem para demonstrar a glória de Deus às nações. Fazemos isso ao fixar os olhos no evangelho de Jesus Cristo, confiando nele para sermos salvos e amando uns aos outros com a santidade, a unidade e o amor de Deus. Oramos para que este livro o ajude.

Cheios de esperança,

MARK DEVER E JONATHAN LEEMAN,
organizadores da série.

INTRODUÇÃO

Tempos atrás, conversei com um amigo a respeito de seus dois filhos adultos. Meu amigo está preocupado com eles. Não usam drogas nem vão a festas. Ambos têm relacionamentos saudáveis e afetuosos com os pais e os amigos. Formaram-se em excelentes universidades, nas quais se destacaram. São jovens adultos atléticos, ambiciosos, belos e charmosos. Se fossem seus filhos, você se orgulharia deles, assim como meu amigo se orgulha. Mas ainda ficaria preocupado, pois não parecem ter o menor interesse por Jesus Cristo. E, para piorar as coisas, os dois se dizem cristãos.

Esses dois jovens foram criados na igreja. Aprenderam as lições da Bíblia na escola dominical. Foram ativos no grupo de jovens. Nunca foram visivelmente rebeldes. Os dois fizeram a “oração do pecador”. Foram batizados. Quando saíram de casa para fazer faculdade, demonstraram o comportamento bom e moral que haviam aprendido na igreja, mas...

Na prática, deixaram Jesus para trás. Não abandonaram o rótulo de “cristãos”. Simplesmente pararam de demonstrar interesse pela vida cristã.

Você entende por que meu amigo está preocupado? Ele tem filhos agradáveis, mas convencidos de que não precisam de Jesus porque já o têm. No entanto, quanto mais ele observa se desdobrar a vida que eles levam agora como adultos, menos certeza ele tem de que conhecem Jesus.

Sou pastor em uma igreja em que tive essa conversa com dezenas de pais. É uma conversa triste, principalmente porque os pais se sentem traídos: seguiram todas as instruções! Fizeram tudo certo. Levaram os filhos a fazer a oração do pecador e os incentivaram a participar das

programações certas, tudo na expectativa confiante de que, desse modo, também amariam Jesus.

Mas não funcionou.

A essa altura, talvez você espere que eu comece um capítulo ou um livro sobre educação de filhos. Deixarei essa tarefa, porém, para outros mais maduros e experientes. Além do mais, não tenho certeza de que o problema em questão seja uma questão de educação dos filhos. Muitos pais excelentes e criteriosos em nossas igrejas se encontram na mesma situação que meu amigo.

Em vez disso, proponho que focalizemos outros dois problemas. Primeiro, há um problema teológico, especificamente na área da teologia da conversão. Segundo, há um problema no modo de aplicarmos essa teologia em nossa igreja. Como pôr em prática nossas crenças de maneira que expressem as verdades nas quais afirmamos acreditar?

Muitas vezes, nossa teologia confessional afirma uma coisa, mas nossa teologia prática diz algo diferente. Afirmamos que a regeneração nos torna novas criaturas em Cristo, mas depois ensinamos a nossos filhos um moralismo que ateístas seriam capazes de imitar.

Dizemos que ser cristão consiste em ter um relacionamento de confiança com Jesus, mas depois tratamos o assunto como se ele se resumisse a marcar um “x” em um cartão indicando como nos decidimos por Cristo.

Afirmamos que somente o Espírito Santo transfere a pessoa do reino das trevas para o reino da luz, mas depois empregamos os mesmos recursos de publicidade usados para fazer alguém mudar de marca de creme dental.

Repetidamente, o que afirmamos em nossas declarações doutrinárias a respeito da conversão não corresponde ao que nossas igrejas praticam ou a seus modelos de ministério. Portanto, não devemos nos surpreender se nossos filhos se tornarem tudo menos cristãos.

Por certo, esse não é um problema que afeta apenas pais e filhos. Afeta igrejas. Quando os convertidos de uma campanha evangelística já não estão mais presentes na campanha seguinte, quando os membros veem a igreja como mais uma opção a ser considerada junto com atividades esportivas e casas de veraneio, quando contribuição e

frequência ficam aquém do número de membros, quando é difícil encontrar voluntários a menos que seja para um programa social, é provável que o problema não esteja nas técnicas de evangelismo, em uma liderança fraca, em cultos desinteressantes ou na má administração de voluntários. É bem possível que o problema esteja em nossa teologia prática da conversão. Nossa tendência é tratar os sintomas. Na realidade, porém, precisamos buscar as causas subjacentes da doença.

Esse é o objetivo deste livro.

Nos capítulos a seguir, desejo refletir cuidadosamente acerca da doutrina da conversão com base nas Escrituras. No entanto, quero ir além e pensar na diferença que a doutrina deve fazer na vida da igreja, desde o modo de fazermos evangelismo até as práticas associadas à membresia e ao discipulado e as formas de enxergarmos a igreja como um todo.

Em outras palavras, este é um livro sobre doutrina e prática. É um livro sobre conversão e sobre a igreja. Afinal, Deus cria um povo por meio da conversão. Mostre-me a doutrina da conversão de uma pessoa e poderei lhe dizer um bocado a respeito da igreja dela. Ou melhor: mostre-me a igreja dela e descreverei sua doutrina *funcional* da conversão, apesar de que ela declare por escrito. Nossas igrejas dão forma concreta a nossa doutrina.

Portanto, ter um conceito acertado da teologia da conversão não consiste apenas em ter uma teologia correta. Significa desenvolver práticas ministeriais que reflitam e sustentem nossas convicções teológicas.

A boa teologia é intensamente prática e, se não for, não é digna de ser chamada por esse nome.

PESSOAS NASCIDAS DE NOVO, NÃO PESSOAS AGRADÁVEIS

A indispensabilidade da regeneração

Na introdução, mencionei meu amigo preocupado que seus filhos adultos, embora muito educados, não fossem verdadeiramente cristãos. Poderíamos dizer que eram *peessoas agradáveis*, mas não *peessoas nascidas de novo* — não eram novas criaturas.

A experiência dele suscita perguntas a respeito da doutrina da conversão, bem como da prática dessa doutrina na vida da igreja. É fundamental entender doutrina e prática de forma correta. As igrejas devem crer que Deus torna as pessoas radicalmente novas, não apenas agradáveis. No entanto, devem ser capazes não somente de escrever esse fato no papel, mas também de pô-lo em ação. Como isso acontece?

Em duas das passagens mais importantes das Escrituras para o entendimento da conversão, o profeta Ezequiel e Jesus ajudam a responder a essa pergunta. Começemos com Jesus. Ele afirma que devemos “nascer de novo” para entrar no reino de Deus. Ao se dirigir a um fariseu chamado Nicodemos, Jesus observou:

“A menos que alguém nasça de novo, não pode ver o reino de Deus”. Nicodemos lhe disse: “Como é possível um homem nascer, sendo velho? Acaso pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e nascer?”. Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade te digo que, a menos que alguém nasça da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não se admire de eu ter dito: ‘É necessário nascer de novo.’ O vento sopra onde quer, e ouves seu som, mas não sabes de onde ele vem nem para onde vai. Assim acontece com todos que são nascidos do Espírito” (Jo 3.3-8).

A ATRATIVIDADE DO COMPORTAMENTO AGRADÁVEL

É importante reconhecer a forte atração exercida por um comportamento agradável.

Nicodemos e fariseus como ele acreditavam que entramos no reino de Deus quando nos comportamos bem e somos pessoas agradáveis, o que, para eles, significava ser um bom judeu: guardar a Lei de Moisés, ir ao templo, apresentar os sacrifícios corretos e manter-se afastado dos gentios. Não estou dizendo que Nicodemos se considerava perfeito. Provavelmente sabia que precisava ser uma pessoa melhor e talvez por isso tenha procurado Jesus. No fim das contas, porém, a retidão moral era o ideal ao qual ele aspirava. As pessoas agradáveis entravam no Reino.

Hoje em dia, existem vários tipos de pessoas agradáveis. Há o agradável gentil mas indiferente, cuja filosofia é “cada um na sua”. Há o agradável socialmente consciente e politicamente engajado. Há o agradável religioso em várias denominações e formas de comunidade de fé. Há o agradável “espiritual, porém não religioso”. E há aquele agradável que não deseja confrontar ninguém para não causar constrangimentos, mas ao mesmo tempo julga e despreza os outros interiormente.

Apesar dessa grande variedade de pessoas agradáveis, a atratividade do comportamento agradável não mudou muito nos últimos dois mil anos. Ser uma pessoa agradável, moralmente correta e que está se tornando ainda melhor significa sentir-se bem a respeito de si mesmo. É a atratividade da autocongratulação moral que une os diferentes tipos de pessoas agradáveis hoje em dia em um sistema religioso em comum que Nicodemos teria reconhecido (veja Lc 10.25-29). O comportamento agradável permite que nos recomendemos a outros e talvez até mesmo a Deus. Fornece o meio para a autojustificação e a capacidade de defender nosso modo de vida diante de qualquer um que o questione. Isso é bem atraente.

AS PRESSUPOSIÇÕES DO COMPORTAMENTO AGRADÁVEL

A atratividade do comportamento agradável se baseia sempre em três ideias: uma visão otimista dos seres humanos, uma visão de Deus como alguém que pode ser controlado e uma visão da religião como meio de

autorreforma moral. Em essência, Nicodemos pressupõe que é capaz de fazer o que for necessário para se justificar diante de Deus. Ele imagina que Deus é o tipo de divindade que poderá agradar caso se esforce ao máximo. Pensa também que o objetivo da religião é ajudá-lo a se tornar uma pessoa melhor. É dessa forma que funciona o comportamento agradável. Deus quer que eu seja bom. Tenho capacidade de ser bom. A religião ajudará.

Nenhuma igreja ensina explicitamente a religião do comportamento agradável. Aliás, em geral, ensina-se exatamente o oposto. Mas essas mesmas igrejas estão cheias de pessoas que acreditam que Deus as aceitará pela maneira de se comportarem. Ouvi essa ideia em muitas casas e em muitos lares de idosos. Embora ninguém diga que é necessário ser perfeito, é preciso ser bom o suficiente.

Você se identifica com Nicodemos? Eu me identifico. Quando estava na faculdade, comecei a me preocupar que Deus não me aceitaria. Então, tive a seguinte conversa com ele: “Deus, vou parar de beber. Vou passar a ler a Bíblia e a ir à igreja com mais frequência. Portanto, peço que não me mande para o inferno, mas me deixe ir para o céu”. Nicodemos e eu tínhamos as mesmas pressuposições. Posso ser bom. Deus ficará impressionado. A religião ajudará. Essa não foi a oração de um pagão. Foi a oração de alguém que cresceu na igreja, ouviu o evangelho inúmeras vezes e acreditava ser cristão. E, no entanto, a religião do comportamento agradável correspondia àquilo que meu coração — como todo coração decaído — desejava. Queria ser capaz de justificar a mim mesmo. E o comportamento agradável era o caminho.

O papel da religião no projeto de autojustificação é resumido em um trabalho realizado pela organização World Weavers [Tecelões do Mundo], que apoia a ONG Blood Foundation [Fundação do Sangue] na Tailândia. Ela insere participantes em uma tradição de fé por um mês, cobrando uma pequena taxa. Oferece pacotes como “Monge [budista] por um mês”, “Muçulmano por um mês” e “Experiência espiritual de raízes rastafáris”.¹ Parte do pressuposto de que não há necessidade de haver conversão nem fé verdadeira. Antes, a religião ajuda as pessoas a se tornarem melhores e mais agradáveis, e qualquer religião serve.

Essa pressuposição de que, na realidade, todas as religiões são iguais debaixo de seus invólucros culturais é o motivo por que tantas pessoas

no Ocidente abandonaram inteiramente a religião. Se é apenas uma questão de eu ser hoje uma pessoa melhor do que era ontem, por que preciso de religião? Claro que a verdadeira pergunta a ser respondida é: “De acordo com os parâmetros de quem meu projeto de autojustificação é avaliado? Meus? Da sociedade? De qual sociedade? De acordo com os parâmetros de Deus?”. Se a religião não passa de uma ferramenta para o aprimoramento de cada indivíduo, do ponto de vista emocional seria melhor se todos abrissemos mão de projetos morais e religiosos de autojustificação e, no lugar deles, adotássemos o projeto psicológico de crescimento pessoal e aceitação própria. Os profissionais da área terapêutica vêm nos dizendo isso há pelo menos um século.

A questão é que a atratividade do comportamento agradável reside não apenas em agradar a nosso desejo orgulhoso de justificarmos a nós mesmos, mas também no fato de tornar desnecessário nos justificarmos diante de Deus. No lugar de um relacionamento sem pendências com Deus e com o próximo entra a importância de nos sentirmos bem a respeito de nós mesmos. Essa postura entorpece meu sentimento de culpa, acalma minha insegurança ansiosa e promove a ilusão de que estarei no controle de meu destino no Dia do Juízo.

A PRÁTICA DO COMPORTAMENTO AGRADÁVEL

O programa moralista do comportamento agradável é difícil de ser detectado em nossas igrejas evangélicas porque quase nunca é ensinado de forma explícita. Antes, é a condição natural de nosso ego não regenerado. Acompanha-nos quando entramos na igreja como um odor de fora que trazemos conosco: é difícil percebê-lo em nós mesmos porque estamos acostumados com ele. Mas o odor se manifesta de várias maneiras:

- Condenamos o pecado do mundo mais do que nosso próprio pecado.
- Criamos uma hierarquia para os pecados e toleramos alguns (especialmente os nossos) mais do que outros.
- Na igreja, cantamos cânticos e fazemos orações de louvor, mas não cânticos e orações de confissão.
- Descrevemos nossos pecados como “erros”.

- Usamos histórias da Bíblia para ensinar as crianças a se comportarem bem em vez de lhes mostrar o Salvador. Dizemos “Sejam como Davi” em vez de “Vocês precisam de um Davi novo e melhor, precisam de Cristo”.

Talvez a principal maneira de ensinarmos o comportamento agradável seja a forma em que apresentamos Cristo. Recomendamos Cristo e o evangelho como métodos de aprimoramento pessoal. Não deixamos de falar da cruz ou mesmo do pecado. No entanto, apresentamos o pecado como um problema que traz desordem para nossa vida, para nossos relacionamentos e como um empecilho para que alcancemos nossos alvos. E Jesus Cristo é apresentado como aquele que mudará tudo isso. Dizemos às pessoas que Jesus exercerá efeito positivo sobre seu casamento e sobre a educação dos filhos. Jesus trará amor, alegria e paz para seu lar. Jesus lhes dará um novo propósito no trabalho. Venha para Jesus e ele fará diferença em sua vida.

É evidente que Jesus faz diferença na vida dos crentes. No entanto, essa vida não corresponde à vida melhor no presente que talvez desejemos. Afinal, o que Jesus disse? “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16.24). Isso significa que Jesus talvez exerça efeito positivo sobre seu casamento ao lhe dar graça para perseverar com um cônjuge que deixou de amá-lo. Talvez conceda amor, alegria e paz no lar ao torná-lo agente, e não receptor, de tudo isso. Talvez lhe dê um novo propósito no trabalho ao mudar sua atitude, e não sua descrição de cargo.

Quando apresentamos Jesus como a solução para os problemas que detectamos em nós mesmos, muitos de fora da igreja não se sentem convencidos. Não deixam de lado o jogo do comportamento agradável. Apenas não veem necessidade de fazer isso *dentro da igreja*, nem veem provas de que os membros da igreja se saem melhor que eles.

Ao mesmo tempo, os de dentro da igreja estão confusos, para começo de conversa, a respeito da verdadeira natureza do cristianismo bíblico. Muitos de nós aprenderam a mensagem do comportamento agradável em igrejas que nos apresentaram um Jesus capaz de nos aprimorar, e não um Jesus que chama seus seguidores para morrer para si mesmos; essas igrejas nos ensinaram a ser legais sem se certificarem

de que tenhamos nascido de novo. Temo que esse seja o motivo pelo qual muitos dos filhos adultos de meus amigos se afastaram do cristianismo. Não desistiram de se comportar de forma agradável. Apenas descobriram que não precisam de Jesus para isso.

A INDISPENSABILIDADE DO NOVO NASCIMENTO

A atratividade do comportamento agradável é forte. Agrada nossa vaidade e nosso orgulho. No entanto, três vezes em João 3 Jesus nos confronta com a necessidade de renovação:

- A menos que alguém nasça de novo, não pode ver o reino de Deus (v. 3).
- A menos que alguém nasça da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus (v. 5).
- É necessário nascer de novo (v. 7).

A fim de sermos justificados diante de Deus, não precisamos nos aprimorar. Precisamos começar do zero. Aliás, a Bíblia usa vários conceitos teológicos para descrever o que Jesus quer dizer:

- *Regeneração*, que significa nascer de novo, com ênfase na origem divina dessa nova vida (1Pe 1.3).
- *Recriação*, que significa ser formado novamente como parte da nova criação escatológica (2Co 5.17; Gl 6.15).
- *Transformação*, que significa receber uma nova natureza (Cl 3.10).

É necessário que ocorra uma mudança radical em nós. No entanto, uma palavra que a Bíblia jamais usa para descrever aquilo a que Jesus se refere é *reforma*. É possível reformar uma igreja, mas não um coração morto. A mudança pessoal da qual Jesus diz que precisamos é muito mais profunda; alcança nossa natureza.

De acordo com as Escrituras, Deus nos criou para adorá-lo, para amá-lo e para encontrar nele nossa maior satisfação. Essa era nossa natureza conforme ele a criou no início. Contudo, quando nossos primeiros pais resolveram se rebelar contra Deus, não apenas

quebraram uma regra, corromperam sua natureza. Teólogos chamam isso de “pecado original”, e todos nós o herdamos. Criados com uma natureza para amar a Deus, agora temos uma natureza cuja tendência é amar a nós mesmos. De acordo com Paulo, desde o nascimento estamos mortos em nossos pecados e andamos conforme as paixões de nossa carne (Ef 2.1-3). Somos mortos-vivos. Por esse motivo o bom comportamento não funciona. Precisamos ser renovados.

O PROBLEMA DO COMPORTAMENTO AGRADÁVEL E A PROMESSA DO NOVO NASCIMENTO

A indispensabilidade de nascer de novo vem de cinco verdades bíblicas: a incapacidade dos seres humanos, a santidade de Deus, a graça do evangelho, o poder do Espírito de Deus e a criação de um povo.

1. *Nossa incapacidade.* Jesus faz distinção radical entre carne e Espírito, ou seja, entre nós e Deus: “O que nasce da carne é carne, e o que nasce do Espírito é espírito” (Jo 3.6). Por melhor que seja a carne, não é capaz de produzir a vida espiritual necessária para sermos justificados diante de Deus (veja tb. Rm 8.5-8). Não se trata de nos haveremos esforçado, mas de termos ficado aquém do padrão. Também não é uma questão de boas intenções, mas de termos perdido o rumo. O problema é que nossa natureza pecaminosa deseja agradar a carne, e não a Deus. Mesmo quando, do ponto de vista moral, fazemos o certo, fazemos pelos motivos errados — para justificar e glorificar a nós mesmos. Essa é uma das razões por que a Bíblia diz que estamos mortos e não apenas enfermos (Ef 2.1-3). Como um morto, não somos capazes de amar a Deus por quem ele é.

2. *A santidade de Deus.* Ademais, Deus não é como nós. A Bíblia é inexorável em sua apresentação da santidade de Deus. Significa que Deus ocupa uma categoria inteiramente diferente da nossa. É absolutamente separado do pecado e dedicado a sua glória. É intransigente em sua bondade. Recusa-se a tolerar o mal. Não se impressiona com quanto somos bons, com nossa correção moral, pois buscamos um bom comportamento para nossa glória e não para a glória dele (veja Is 64.6). Portanto, estamos debaixo do juízo divino, outro

motivo por que a Bíblia diz que estamos mortos. Trata-se de um juízo merecido.

3. *A graça de Deus.* Mas há uma boa notícia: Deus é repleto de graça! Ele tomou a iniciativa em relação a nós. Enquanto ainda éramos seus inimigos, Deus enviou seu Filho para se tornar carne como nós e viver a vida para a qual fomos criados no início. Ele não levou uma vida apenas agradável e moralmente correta, mas perfeita e sem pecado, inteiramente dedicada à glória de Deus. Assim, Jesus ofereceu a vida na cruz como sacrifício e tomou sobre si a ira de Deus como substituto de todos os que se afastam do pecado e creem nele. Para provar que Deus aceitou seu sacrifício, três dias depois Jesus ressuscitou dos mortos.

4. *O Espírito de Deus.* Mas esse é apenas o começo da iniciativa de Deus em relação a nós. Jesus fala a respeito da obra do Espírito em João 3 e a compara ao vento, sobre o qual não temos controle algum. Quando Deus nos regenera, o Espírito Santo de Deus nos une a Cristo de forma instantânea. Nessa união, o Espírito toma todos os benefícios daquilo que o Filho realizou — sua vida ressurreta, sua retidão, sua graça — e os aplica a nós. Essa obra muda nossa natureza, dá-nos o novo nascimento e nos torna novas criaturas. Quando nos voltamos para Cristo em arrependimento e fé, somos justificados por sua graça e somos adotados como parte de sua família para segui-lo em um relacionamento de amor e confiança.

5. *A criação de um povo.* Centenas de anos antes da conversa de Jesus com Nicodemos, Deus prometera sua graça e seu Espírito por meio do profeta Ezequiel. Também prometeu que nos tornaria um povo.

E vos darei um coração novo, e porei um espírito novo dentro de vós. Removerei de vossa carne o coração de pedra e vos darei um coração de carne. E colocarei meu Espírito dentro de vós e os farei andar nos meus estatutos e ter o cuidado de obedecer a minhas regras [...] sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. Pois eu vos livrarei de todas as vossas impurezas (Ez 36.26-29).

Deus cumpriu essa promessa por meio da obra de Cristo. Ele nos torna novas criaturas e nos concede seu Espírito. Ele nos torna um povo e perdoa nossos pecados.

POR QUE A DOUTRINA DA REGENERAÇÃO É IMPORTANTE PARA O CRISTÃO

O fato de que Deus faz de nós novas criaturas tem enormes implicações para a vida da igreja, tanto de modo comunitário quanto individual.

Começemos com a dimensão individual. O cristão tem uma nova natureza, cuja propensão é aproximar-se de Deus em vez de se afastar dele. Jonathan Edwards descreveu a pessoa regenerada como alguém que desenvolveu uma apreciação por Deus, alguém que provou do mel e agora conhece sua doçura. Isso não significa que o cristão não peca mais. No entanto, a velha natureza não está mais no controle. Cristo é que está, e a nova natureza tem um novo conjunto de desejos por Deus. A nova criação talvez seja apenas uma semente, mas essa semente cresce.

O que isso significa para os filhos de meu amigo, sobre os quais falei na introdução? Para começar, significa que precisam ser ensinados que o cristão não é apenas alguém que faz uma oração e tenta ser uma pessoa agradável. O cristão é alguém cujo coração foi transformado pela graça de Deus, alguém caracterizado por arrependimento e fé, que deseja estar com Deus e conhecê-lo melhor. Significa que a igreja não deve oferecer tão rapidamente garantias por meio do batismo, mas incentivar os filhos de cada família a se examinarem e verem se estão na fé (2Co 13.5), a procurarem o fruto que o Espírito produz (Gl 5.22,23), a seguirem a Jesus em amor abnegado e não em uma moral farisaica (1Jo 4.7), a buscarem um relacionamento de amor com Deus ao amar irmãos e irmãs em Cristo (1Jo 3.10; 4.21). Eles precisam aprender que a regeneração é obra de Deus, não deles.

Se alguém tivesse mostrado esses ensinamentos àqueles dois filhos bem-comportados, ainda assim poderia acontecer de crescerem, irem para a faculdade e abandonarem a caminhada com Cristo e, ao mesmo tempo, manterem a moralidade. Mas não cometeriam o engano de imaginar que são cristãos. Saberiam que são simplesmente jovens bons e nada mais. Em contrapartida, esse ensinamento poderia ter sido usado pelo Espírito para incomodar a consciência deles, despertá-los da complacência e levá-los a uma vigorosa profissão de fé em Cristo.

POR QUE A DOUTRINA DA REGENERAÇÃO É IMPORTANTE PARA AS IGREJAS

A doutrina da regeneração não exerce impacto apenas sobre o modo de entendermos a conversão de um indivíduo. A regeneração também tem uma dimensão comunitária.

Volte a Ezequiel 36.26-28. Como vemos na NVI, a segunda pessoa em toda a passagem é plural, “vocês”. O resultado da obra regeneradora realizada pelo Espírito é um povo que convive debaixo do governo de Deus. O Espírito não me torna simplesmente uma nova criação singular. Ele me torna parte do povo da nova criação divina. Ele inscreve seu mandamento em meu coração e ensina o amor ao próximo e, mais especificamente, o amor por meus irmãos em Cristo. Ensina que uma vida com Deus inclui uma vida com o povo de Deus, no culto e no convívio em comunidade da igreja.

Por isso João diz que você é mentiroso se afirma que ama a Deus, mas não ama seu irmão (1Jo 4.20). Também por isso Paulo diz que nós, judeus e gentios, já fomos transformados em um novo homem (Ef 2.13-16). A regeneração nos dá um coração voltado não apenas para Deus, mas também para o povo de Deus.

A igreja local deve ser uma comunidade de novas criaturas. Por meio de nosso amor e de nossa obediência, damos testemunho eficaz da verdade radical do evangelho. O mundo pode taxar um cristão isoladamente de aberração e assim desconsiderá-lo. Mas, se houver dois ou três cristãos juntos, será mais difícil desconsiderá-los. E, se houver cinco, dez, cinquenta, cem cristãos vivendo juntos em uma comunidade caracterizada por amor e graça, sua mensagem não poderá ser menosprezada.

Infelizmente, o oposto também é fato. Quando igrejas se parecem mais com o mundo que com Cristo, pregamos, na realidade, um evangelho diferente. E é bem provável que seja o evangelho do comportamento agradável.

O que podemos fazer, então, para nos certificar de que nossa comunidade é regenerada e de que seus membros proclamam juntos o poder do evangelho de Jesus Cristo de renovar homens e mulheres? Eis algumas sugestões:

- *Atentar para os membros.* Não queremos que a igreja seja frequentada apenas por regenerados; aliás, desejamos o maior número possível de não cristãos. No entanto, queremos uma membresia regenerada, pois nossos membros se pronunciam diante do mundo oficialmente em nome da igreja.
- *Realizar entrevistas para aceitar membros.* Os presbíteros da igreja devem realizar entrevistas antes de receber membros, não para averiguar quanto alguém é bom, mas para buscar evidências do novo nascimento.
- *Promover exemplos de arrependimento, não de moral.* Quando membros têm a oportunidade de ouvir os testemunhos uns dos outros em público — quando é normal confessar pecados e receber perdão —, o modelo de discipulado passa da autojustificação para a semelhança a Cristo.
- *Praticar disciplina da igreja.* O objetivo da disciplina corretiva na igreja não é excluir as pessoas más. Ninguém deve ser excluído simplesmente por pecar. A disciplina da igreja acontece quando um cristão professo é confrontado pelo pecado e se nega a se arrepender. Essa não é a natureza de alguém que se tornou novo.
- *Manter unidos o batismo, a membresia e a ceia do Senhor.* Essas não são três práticas separadas e independentes, mas três facetas da mesma realidade da regeneração. O critério para as três é o mesmo: não é o comportamento agradável, mas arrependimento e fé.

Precisamos ser nascidos de novo. Por meio do Espírito e do evangelho, já o fomos.

¹ Para um exemplo e para a filosofia que motiva esse programa, visite estas duas páginas do site da organização World Weavers: <http://www.worldweavers.com/cambodia-spiritual-adventure> e <http://www.worldweavers.com/about-us>.

SALVOS, NÃO SINCEROS

Obra de Deus, não nossa

Em 2009, eu morava em Washington, DC, nos Estados Unidos, quando Arlen Specter, senador republicano de longa data e representante do estado da Pensilvânia, se tornou democrata. Esse fato ocorreu pouco antes de ele enfrentar forte oposição republicana, e não foi a primeira vez que Specter mudou de partido para ganhar uma eleição.

Dois anos antes, do outro lado do Atlântico, logo depois de Tony Blair renunciar ao cargo de primeiro-ministro do Reino Unido, ele anunciou que havia se convertido ao catolicismo. Era um momento oportuno para fazê-lo, visto que o primeiro-ministro é responsável por escolher o Arcebispo de Cantuária (o líder da Igreja Anglicana). Escolher o líder de uma igreja à qual você não pertence é complicado e gera questões constitucionais.

É difícil não olharmos para essas conversões com ceticismo. Ambos os casos parecem ter se ajustado às exigências políticas do momento.

Em se tratando de relatos de conversão, especialmente religiosa, o ceticismo é uma reação típica hoje em dia. Muitas vezes, essas conversões parecem ser transferências convenientes de lealdade, e não mudanças sinceras de opinião. A Europa foi convertida por força da espada romana. Os chamados “cristãos do arroz”, na Ásia, se converteram em razão de benefícios materiais. O islamismo cresceu de forma semelhante. O hinduísmo e o budismo se propagaram no subcontinente indiano por razões políticas e militares.

Em resposta, desde o Segundo Grande Despertamento (da década de 1790 à de 1850), os cristãos evangélicos enfatizam não apenas

“profissões de fé”, mas a sinceridade da fé professada. Afinal, a sinceridade parece caracterizar a diferença entre o hipócrita e o verdadeiro convertido. Como Fanny Crosby expressa de modo tão memorável, “O mais vil transgressor que *verdadeiramente* crê naquele momento recebe de Jesus o perdão”.¹ E, tipicamente, a fé genuína era demonstrada por meio de alguma emoção ou ação visível, como levantar a mão ou ir à frente, e com lágrimas de alegria e arrependimento.

QUANTO DE SINCERIDADE É SUFICIENTE?

Fui criado em igrejas evangélicas no sul dos Estados Unidos, em que as conversões quase sempre ocorriam em resposta a apelos. De modo semelhante a Billy Graham no final de suas cruzadas televisionadas, o pregador pedia uma resposta, dirigia os presentes no cântico de um hino de encerramento, talvez várias vezes, e esperava que alguém atendesse ao apelo. Foi o que fiz num culto vespertino de domingo, quando estava no segundo ano do ensino fundamental. Tudo havia sido combinado de antemão. Ainda assim, foi assustador e emocionante ir à frente, cumprimentar o pastor e ouvi-lo declarar firmemente que agora eu era filho de Deus. Essa foi minha experiência de conversão na infância.

Um resultado desse tipo de experiência de conversão é a sensação de incerteza acerca de sua realidade. Por consequência, testemunhei em várias ocasiões outro ritual. Nosso coral de jovens visitava diversas igrejas. Na maioria dos cultos, cantava um hino de encerramento e o pastor esperava para ver se alguém atenderia ao apelo. No apelo da última noite de pregações, quase sempre mais membros do coral de jovens iam à frente que quaisquer outras pessoas. Os mais velhos eram os primeiros a reconsagrar a vida a Jesus.

Só para garantir, caso não tivéssemos sido sinceros lá atrás, quando mal havíamos terminado o jardim da infância, e caso nossos pecados da adolescência levantassem dúvidas a respeito das profissões de fé realizadas na infância, meus companheiros adolescentes de coral e eu buscávamos nos certificar de que ninguém, muito menos nós mesmos, teria motivos para questionar o fervor de nossa fé. Portanto, com

lágrimas e abraços, enchíamos a plataforma ao redor do púlpito e renovávamos nossa conversão.

No entanto, será que a ênfase na sinceridade responde, de fato, à acusação de que a conversão não é nada mais que uma transferência de lealdade socialmente conveniente? Não há nada que faça distinção entre a conversão cristã e a conversão a um partido político, ou ao vegetarianismo, ou a algum outro estilo de vida?

A primeira vez que a Bíblia fala de conversão não tem nenhuma relação com a sinceridade dos crentes, embora devamos ser sinceros. Essa primeira menção diz respeito à atividade do Deus que intervém em nossa vida. Tornamo-nos criaturas com uma nova natureza quando Deus opera em nós. A Bíblia não diz “sejam sinceros”; ela diz “sejam salvos” (e.g., At 2.21).

Salvos de quê? Salvos como e por quê? Salvos para quê? Com que propósito? Dedicaremos este capítulo a responder a essas perguntas. Também neste caso, porém, não devemos nos preocupar apenas em ter uma doutrina correta, mas em ter práticas corretas em nossa igreja. A igreja é a comunidade dos salvos, e não meramente dos sinceros.

SALVOS DA IRA DE DEUS

Em Efésios 2, Paulo diz que estávamos mortos em nossas transgressões e pecados. Por isso precisamos ser novas criaturas e não apenas pessoas agradáveis, como refletimos no capítulo anterior. Além de estarmos mortos no sentido de que somos incapazes de mudar, também estamos debaixo da condenação de Deus. Somos “por natureza, filhos da ira”, a saber, da ira de Deus.

Lembre-se de que Deus nos criou à sua imagem para vivermos como filhos que são “a cara do pai”. Contudo, nos tornamos egocêntricos e buscamos nossa glória. Em vez de agirmos como filhos do Rei, tentamos depor o Rei e, com isso, nos tornamos filhos da ira.

É comum pensar que o julgamento divino dos pecadores no inferno consistirá em lhes dar aquilo que pediram: uma vida sem Deus. De fato, inferno é a ausência do amor de Deus. No entanto, também é a presença de Deus em sua justiça, que aplica ao pecado o castigo merecido. E é disso, da ira de Deus, que precisamos ser salvos.

- Farás deles uma fornalha ardente quando te manifestares. O SENHOR os devorará em seu furor, e fogo os consumirá (Sl 21.9).
- Conforme suas obras ele lhes retribuirá, com ira aos seus adversários e com retribuição aos seus inimigos (Is 59.18).
- Eliminaí, portanto, o que é terreno em vós: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejo mau e cobiça, que é idolatria. Por causa dessas coisas está vindo a ira de Deus (Cl 3.5,6).

Visto que Deus é bom, ele retribuirá merecidamente a injustiça e o pecado. E todos nós pecamos.

Essa realidade tem aplicações sérias para nossa pregação. A fim de que o evangelho faça sentido, precisamos pregar a justiça e a ira de Deus. Muito facilmente, porém, as igrejas minimizam essas verdades fundamentais e, com isso, mudam o evangelho. É difícil falar do inferno e da ira de Deus. É bem mais fácil falar sobre ser salvo de uma vida sem propósitos, da baixa autoestima ou da infelicidade. Tratamos Jesus como a solução para um problema interior subjetivo. Venha a Jesus; ele lhe dará propósito e sentido. A questão é que problemas subjetivos podem ser resolvidos por soluções subjetivas. Talvez eu escolha Jesus a fim de sentir que tenho um propósito, enquanto meu vizinho escolhe sinceramente uma carreira. Quem pode dizer o que é melhor? É tudo subjetivo.

Quando não pregamos a justiça de Deus e quando minimizamos sua ira, falamos de outro evangelho qualquer. Mudamos o evangelho objetivo da salvação para um caminho subjetivo que conduz à realização pessoal.

Proclamar fielmente a ira de Deus não é tarefa simples. As igrejas de hoje, porém, precisam pensar sobre como podem tornar relevante a boa oposição judicial de Deus ao pecado para os ouvintes modernos. Em nosso evangelismo, talvez seja apropriado começarmos com a indignação moral que já existe em nossa cultura e então passar para a indignação de Deus com nosso pecado. Nas classes de escola dominical de nossas crianças e nos grupos de jovens, precisamos reforçar a lição de que a ira de Deus, e não nossa infelicidade subjetiva, é nosso maior problema. No discipulado, precisamos buscar oportunidades de ensinar uma visão bíblica de que autoridade é algo bom. Em nosso ensino de

modo geral, precisamos observar que o julgamento divino confirma e garante o valor humano supremo. Como Bruce Waltke diz: “As pessoas negam o juízo final porque não desejam conferir a esta vida tamanha dignidade a ponto de as decisões do presente afetarem o futuro eterno de forma decisiva e definitiva”.² Mas é justamente essa dignidade que Deus nos dá e que sua ira reflete.

Em resumo, a ira de Deus não é uma questão secundária tratada por uns poucos versículos. É um elemento fundamental na formação da cosmovisão cristã. Se não nos dedicarmos a tornar as más notícias relevantes, as boas-novas também não serão relevantes.

SALVOS PELA GRAÇA DE DEUS

Precisamos ser salvos da ira de Deus pela graça de Deus. Em Efésios 2, Paulo diz: “Pois pela graça sois salvos, por meio da fé. E isto não vem de vós; é dádiva de Deus” (v. 8).

Graça é algo que podemos somente receber, pois é uma dádiva. Por definição, dádivas não são merecidas (do contrário, seriam *pagamentos*), e não podem ser exigidas (do contrário, seriam *direitos*). Só podem ser concedidas ou recebidas. A extraordinária dádiva da graça que Paulo tem em mente é a dádiva divina do perdão dos pecados, comprada por meio do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz. Visto que Cristo esgotou a ira de Deus pelos pecados daqueles que ele representa, o Pai, em sua graça, concede salvação a todos os que se arrependem e creem.

A realidade da graça de Deus desafia o moralismo, cuja insinuação é a de que devemos nos consertar antes de buscar a Deus. Ataca o orgulho que imagina que Deus jamais seria capaz de me perdoar ou, em contrapartida, que não tem necessidade de me perdoar. Também coloca a fé em seu devido lugar.

Consideremos esse último ponto. Paulo diz que somos salvos pela graça, por meio da fé. A graça é o que salva. A fé é o instrumento, o que significa que não somos salvos pela fé. Antes, somos salvos pela graça, e a fé recebe essa graça. A fé confia nessa dádiva. Por isso Martinho Lutero enfatizou que somos salvos somente *por meio* da fé. A igreja católica ensinava que a graça divina só era recebida quando cooperávamos com Deus ao realizar boas obras, especialmente ao

receber a eucaristia. Lutero ensinou, porém, que somente a fé, sem a cooperação de boas obras, recebe a graça de Deus. Devemos deixar claro, portanto, que a fé não salva. O que salva é a graça.

Mas o que acontece quando imaginamos que a fé salva? A sinceridade adquire importância suprema. Começamos a pensar na fé como um ato único — a oração feita, a decisão tomada, a mão levantada — e não um rumo de vida como um todo. O problema é que nunca há como ter certeza de que fomos sinceros o suficiente. O resultado é insegurança e o desenvolvimento de uma cultura de reconsagração. Crianças ansiosas fazem “a oração” repetidamente. Jovens se reconsagram a cada retiro. O mesmo acontece com adultos. Todos esperam que, desta vez, a manifestação da fé seja sincera o suficiente.

Trataremos mais da fé no capítulo seguinte, mas vale a pena enfatizar agora que a fé não é uma emoção que Deus avalia de acordo com sua intensidade. Fé é confiança, e seu valor depende do objeto dessa confiança. Portanto, a pergunta não é “Você creu verdadeiramente?”, como Fanny Crosby deixou implícito, mas, sim, “Em quem você creu?”

Temo que muitas de nossas igrejas evangélicas tenham criado uma geração de cristãos ansiosos, que estão sempre avaliando sua fé. Em vez disso, as igrejas devem apontar, continuamente, para Deus em Cristo, aquele que é bom, generoso e maravilhosamente repleto de graça. Confiamos nele e em sua graça para nossa salvação, e não na intensidade de nossas emoções.

SALVOS *POR CAUSA* DO AMOR DE DEUS

Por que Deus salva pecadores? Por que ele os ama. Volte a Efésios 2: “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, mesmo quando estávamos mortos em nossas transgressões, deu-nos vida juntamente com Cristo — pela graça fostes salvos” (v. 4, 5; veja também Tt 3.4,5).

Nas Escrituras, a salvação é sempre dessa forma. O amor de Deus se manifesta apesar de nosso pecado e de nossa rebeldia. Em outra passagem, Paulo diz: “Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5.8). Não é “por isso, Deus o ama”. É sempre “mas Deus o ama”.

A linguagem do amor divino é a linguagem da escolha divina, sua eleição. Deus escolhe amar. Ele não precisa nos amar. Aliás, o certo seria que ele não nos amasse. Mas ele nos ama.

O amor de Deus por nós não é um capricho. Não é um amor de última hora e de improviso, como quando o marido se lembra, de repente: “Nosso aniversário de casamento está chegando. E agora, o que fazer?”. Deus é um amante muito melhor que nós. Desde antes da fundação do mundo, ele escolheu amar seu povo. Planejou como expressaria esse amor por meio da graça copiosa do evangelho. Não deixou nada para o acaso. Executou seu plano de amor e, para isso, pagou um preço inimaginável.

Se um de meus filhos dissesse: “Pai, quero que você me ame; portanto, hoje, de modo especial, vou me comportar muito bem”, eu ficaria magoado. “Você não me entende? Não entende meu amor por você?”, eu perguntaria. “Não o amo porque você é bom, mas, sim, porque você é meu”. De modo semelhante, Deus não nos ama porque nós o amamos e lhe obedecemos. Aliás, não o amamos nem lhe obedecemos! Deus nos ama porque nos ama (veja Dt 7.7,8). Ele nos ama porque nos escolheu e porque somos dele.

Se invertermos a situação, de modo que Deus nos ame porque nós o escolhemos e o amamos, o cristianismo se torna uma religião de salvação própria. De acordo com essa mensagem, Deus é obrigado a nos salvar em razão de nosso amor, de nossa escolha, de nossa sinceridade. Nossa fé, não o amor dele, se torna o fator determinante. E, desse modo, inserimos orgulho no coração e na alma de nossas igrejas. O evangelho é virado de cabeça para baixo.

Deus não nos salva em virtude de quem somos, mas nos salva apesar disso. Por quê? Porque ele nos ama.

SALVOS PARA SER INSERIDOS NO POVO DE DEUS

Quando Deus nos salva, nos insere em um relacionamento com ele. Além disso, também nos insere numa comunidade.

- E tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. Também preciso trazê-las, e elas ouvirão minha voz. Então, haverá um rebanho e um pastor (Jo 10.16).

- Ele nos livrou do domínio das trevas e nos transferiu para o reino de seu Filho amado (Cl 1.13).
- Mas vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva dele (1Pe 2.9).
- Antes, não éreis povo, mas agora, sois povo de Deus; antes não tínheis recebido misericórdia, mas agora, recebestes misericórdia (1Pe 2.10).

Súditos de um reino; membros de um sacerdócio; cidadãos de uma nação; um povo; parte de um rebanho — as imagens são diferentes, mas a ideia é a mesma. Deus nos salva, um por vez, mas nos insere em relacionamentos uns com os outros. Essa realidade faz parte do que significa ser salvo. Ser reconciliado com Deus significa ser reconciliado com o povo de Deus, como um filho adotivo que tem não apenas novos pais, mas também novos irmãos. Observe, por exemplo, a estrutura de frases paralelas em 1Pedro 2.10: *tornar-se um povo vem junto com receber misericórdia*.

Desde o jardim, passando por Abraão e seus descendentes, Israel e pela igreja, até nova Jerusalém, Deus sempre trabalhou para salvar um povo para seu Filho.

A natureza comunitária de nossa salvação é demonstrada de modo maravilhoso em Efésios 2. Depois de apresentar nos versículos de 1 a 10 o ato de salvação pessoal realizado pela graça de Deus, Paulo explica nos versículos de 11 a 22 a relevância comunitária de nossa salvação. Cristo “tornou” judeus e gentios “um só”. Observe o tempo verbal passado. Essa obra foi realizada na cruz. Cristo “destruiu, em sua carne, a parede divisória de inimizade” (v. 14). Criou em si “um só homem em lugar de dois, fazendo assim a paz” (v. 15). Seu objetivo era “reconciliar ambos com Deus em um só corpo por meio da cruz e, desse modo, destruir a inimizade” (v. 16). Consequentemente, os crentes que antes pertenciam a grupos em conflito “não são mais estrangeiros, nem forasteiros”, mas “concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (v. 19). Agora, a igreja “reunida, cresce para ser templo santo no Senhor” e é “lugar de habitação de Deus pelo Espírito” (v. 21,22).

A obra da cruz que nos reconciliou com Deus nos reconciliou, ao mesmo tempo, uns com os outros. Cristo reuniu em si nossas causas

diante da corte de justiça de Deus. Um só representante, um só sacrifício substitutivo, pois havia “um só homem em lugar de dois” (v. 15). Do outro lado da cruz, essa reconciliação prossegue. A paz reina porque ambos “têm acesso ao Pai em um só Espírito” (v. 18). Vemos quão profundamente comunitária é nossa salvação. Somos “um só novo homem”, o que deixa implícita uma nova raça a partir de Adão e Eva. Somos “membros da família de Deus” (v. 19), expressão que se vale da imagem de família abraâmica de Gênesis 12. Somos “concidadãos dos santos” (v. 19), ideia associada à imagem do reino de Israel em Êxodo 19. Somos “templo santo no Senhor” e “lugar de habitação de Deus pelo Espírito” (v. 21,22), referências à promessa de Deus em toda a Escritura de habitar com seu povo.

Não se trata de uma aspiração. Paulo não diz que devemos nos tornar esse tipo de comunidade. Ele declara o que Deus já realizou por meio da obra de Cristo. A única ordem em toda a passagem é que nos “lembramos” daquilo que Deus já fez. Ele nos salvou e nos inseriu em sua comunidade da aliança.

As ordens aparecem dois capítulos adiante. Em Efésios 4, Paulo diz que devemos suportar uns aos outros em amor e manter a unidade do Espírito no vínculo da paz (v. 2,3). Afinal, diz ele, há um só corpo, um só Espírito, um só Senhor, uma só fé, um só batismo e um só Deus que é sobre todos, por meio de todos e está em todos (v. 4-6).

Deus nos fez um só, portanto devemos agir em conformidade com esse fato.

De modo prático, o que significa a natureza comunitária de nossa conversão? No mínimo, volta a associar a conversão à membresia da igreja. Serei sempre grato a uma igreja no sudeste dos Estados Unidos e a seu ministério com jovens, fundamental para a salvação de minha esposa. Com paciência, compartilharam o evangelho com ela, a disciplinaram e a batizaram. Infelizmente, porém, nunca lhe disseram que se tornasse membro da igreja.

A membresia na igreja não nos salva. No entanto, não há como escapar do fato de que, quando as pessoas no Novo Testamento criam, tornavam-se parte de igrejas (At 2.41,47; 5.14; 11.21-26; 14.21-23). Não era opcional; era inevitável. Os apóstolos ensinaram que, por meio da igreja local, experimentamos a realidade da igreja universal à qual os

cristãos foram unidos em Cristo. Observe a progressão de Efésios 2.19-22. Nos versículos 19 e 21, Paulo afirma que somos todos concidadãos e templo santo no Senhor. Em seguida, no versículo 22, se refere de modo específico à igreja local de Éfeso: “Vós, juntos, sois edificados para lugar de habitação de Deus no Espírito”. É como se estivesse dizendo: a obra que Deus realizou em todos nós, agora está realizando em vocês de forma específica e concreta. O universal se manifesta, ganha forma, no local.

Vemos em funcionamento aqui uma lógica conhecida. Ensinamos com base no Novo Testamento que quem foi *declarado* justo em Cristo deve *buscar* a justiça em sua vida diária. De modo semelhante, quem foi *declarado* membro do corpo de Cristo deve *buscar* a membresia em um grupo de cristãos, uma igreja local visível. Se você não busca a membresia (local e visível) é, de fato, membro (universal e invisível)? Como saber?

A esta altura, deve estar claro que, pelo fato de nossa salvação abranger uma dimensão comunitária, um livro sobre a doutrina da conversão também deve ser um livro sobre a igreja.

SALVOS PARA A GLÓRIA DE DEUS

Em última análise, o propósito de nossa salvação não é nossa salvação. Seu propósito é a glória de Deus. “Faço isto por amor de mim, por amor de mim”, Deus diz por intermédio do profeta Isaías a respeito de seu plano de salvação. “Não darei minha glória a outro” (Is 48.11). Deus faz a mesma afirmação por meio do profeta Ezequiel. Ao falar da nova aliança prometida, Deus declara: “Não é por tua causa, ó casa de Israel, que faço isto, mas por causa do meu santo nome” (Ez 36.22).

Por isso Deus agiu por intermédio de seu Filho. Efésios 2 trata da obra individual e comunitária de salvação realizada por Deus, como vimos neste capítulo. Efésios 1, porém, apresenta o motivo: “Para o louvor da sua glória” (v. 12,14). E, como Efésios 3 mostra, não é apenas nossa salvação individual que glorifica a Deus. É *nossa* salvação. Seu plano é que, agora, “por meio da igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja revelada aos governantes e autoridades nas regiões celestiais” (v. 10). Esse é o “propósito eterno” de Deus (v. 11).

Esse novo homem, a igreja, é diferente de tudo o que o mundo já viu. Sua união não se baseia em etnia, cultura ou classe, mas em uma pessoa, Jesus Cristo, a revelação da sabedoria de Deus (1Co 1.22-30; Cl 2.2,3). Agora, em Cristo, a igreja se torna a revelação da sabedoria de Deus para o mundo que a observa.

Sozinhos, você e eu não temos condições de revelar como Deus reconciliou as pessoas com ele e umas com as outras. É preciso uma igreja local, em que membros outrora inimigos pratiquem o perdão e o amor uns pelos outros, mesmo quando não encontram muitos motivos para fazê-lo.

Quando compreendemos equivocadamente o propósito de nossa salvação, porém, nos vemos em dificuldade. Se imaginarmos que Jesus nos salvou para nos dar felicidade, realização ou prosperidade, seremos tentados a abandoná-lo quando essas coisas não se concretizarem de imediato. Em vez de considerarmos que nossa salvação diz respeito à glória de Deus, partiremos do pressuposto de que a vida cristã diz respeito a nós mesmos, nossos dons, nosso chamado e como podemos realizá-lo. A igreja local se tornará o palco em que desenvolvemos nosso potencial e nossos dons e a plateia para nossa vaidade.

Tudo muda de figura, porém, quando entendemos que nossa salvação diz respeito à glória de Deus. O foco da vida cristã deixa de ser a imposição de “meus direitos cristãos” e seu objetivo passa a ser a dedicação da vida a serviço de outros. A igreja deixa de ser o lugar onde expresso meu chamado e meus dons e passa a ser a comunidade em que a graça de Deus é demonstrada. O mistério é que a “vida feliz e realizada” se materializa quando paramos de buscá-la e, em lugar dela, buscamos a Deus e, em sua glória, encontramos a satisfação para a qual fomos criados.

Não somos salvos pela sinceridade, nem por sentimentos intensos. Não somos salvos porque amamos Deus ou realizamos boas obras. Somos salvos pela obra da graça de Deus em Cristo. Quando nossas igrejas entenderem e praticarem essa verdade juntas, mostraremos ao mundo inteiro que a conversão não é como uma mudança de partido político ou de denominação. Não é simplesmente mudar de ideia ou de sentimento. A conversão cristã é salvação. É ser salvo da morte para a

vida, da ira para o perdão, da escravidão para a liberdade. É uma obra de Deus. Ninguém mais pode realizá-la.

O hinista Charles Wesley expressou bem essa ideia: “Por longo tempo meu espírito permaneceu aprisionado, acorrentado ao pecado e às trevas de minha natureza. Teu olho difundiu um raio vivificador; despertei, e o calabouço ardeu em luz. Minhas cadeias caíram. Meu coração foi liberto. Levantei-me, saí e te segui”.³

Primeiramente, a conversão é um ato de Deus muito antes de ser nosso. Precisamos *ser salvos* e, por meio de Cristo, o somos.

No entanto, a conversão também é um ato nosso. Levantamo-nos, saímos e seguimos. É para a nossa responsabilidade que voltamos a atenção no capítulo seguinte.

¹ Fanny Crosby, *To God be the glory*, 1875, conhecido em português como *A Deus demos glória*.

² Bruce Waltke, *The book of Proverbs: chapters 1—15*, New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), p. 211.

³ Charles Wesley, *And can it be that I should gain*, 1738.

DISCÍPULOS, NÃO DECISÕES

O caráter de nossa resposta

Quando tinha 18 anos, tornei-me fã do time de beisebol Boston Red Sox. No estado onde cresci não havia uma equipe de beisebol que participasse do campeonato nacional; portanto, eu não torcia por ninguém, mas apenas acompanhava os jogos de modo geral. Ocorreu-me, porém, que seria mais divertido se eu torcesse por um time. Portanto, abri o jornal na página de esportes, estudei as estatísticas dos times e a colocação de cada um no campeonato e resolvi me tornar torcedor do Red Sox. Na verdade, foi uma escolha de estilo de vida.

Trinta anos depois, ainda sou torcedor do Red Sox. Não sei, porém, se os outros torcedores do time concordariam com essa declaração. Não acompanho outros times. A questão é que a vida é cheia de outras atividades e compromissos, e não tenho mais tempo de assistir aos jogos na TV, de analisar as estatísticas, nem de me manter atualizado com as aquisições de novos jogadores e perspectivas da equipe. Se chegarem às quartas de final, é provável que eu assista aos jogos, a menos que tenha uma reunião, ou um de meus filhos precise de ajuda com a lição de casa, ou minha esposa precise de ajuda com algo.

Minha decisão permanece inalterada, mas, atualmente, não há muitas evidências além da decisão em si.

Para muitas pessoas hoje em dia, especialmente no Ocidente, a conversão religiosa é como minha decisão de me tornar torcedor do Red Sox. Minha intenção não é comparar a conversão religiosa a algo trivial como a escolha de um time de beisebol. Em nossa cultura, porém, a escolha pessoal ocupa o cerne de ambas. É uma decisão de estilo de vida.

Dentro de grande parte do cristianismo evangélico, essa decisão é ligada à doutrina da segurança eterna. “Uma vez salvo, sempre salvo”, as pessoas dizem. O importante é tomar a decisão. Portanto, tome-a, não obstante o que venha a fazer com o restante de sua vida.

Pouco tempo atrás, um homem veio a meu escritório para conversar. Descobri que ele aceitara Cristo havia muitos anos, quando jovem. Sua decisão foi absolutamente sincera, de coração mesmo. Como aconteceu comigo e o Red Sox, porém, a vida dele se tornou cheia de outras atividades. Casamento, trabalho, filhos e casa o mantiveram afastado da igreja e das disciplinas espirituais. Se ele não dissesse que era cristão, não havia como saber. Reconheceu que era alcoólatra e que, embora houvesse permanecido sóbrio durante vários anos, tinha começado a beber novamente.

Veio conversar comigo porque tinha ouvido um sermão que eu havia pregado em um culto fúnebre, no qual eu havia explicado que o perdão de Cristo era para todos que deixavam o pecado e depositavam sua confiança em Cristo e o seguiam. Como Jesus em Marcos 1, eu havia oferecido a esperança do evangelho a todos os que se arrependessem e cressem (Mc 1.15). O que o perturbou foi a ideia de que ser cristão significava arrepender-se e seguir Jesus. Sua decisão anos antes tinha sido sincera, mas talvez, no fim das contas, ele não fosse cristão. Não havia seguido de fato. Eu poderia falar algo que o ajudaria?

Será que o nosso papel na conversão é apenas “tomar uma decisão”? Quando Jesus fala de arrepender-se e segui-lo está falando de uma tomada de decisão? Tendo em vista que a eternidade está em jogo, desejamos entender a conversão corretamente e saber o que significa arrepender-se e crer.

UMA CONVERSÃO EXEMPLAR

Nos capítulos 1 e 2, argumentei que a conversão é, fundamentalmente e em primeiro lugar, uma obra divina. Deus precisa nos renovar e nos regenerar. Ele precisa agir para que sejamos salvos. Ele precisa nos justificar, perdoar e nos unir a ele e a seu povo.

No entanto, a Bíblia ensina claramente que a conversão também é trabalho nosso. Temos um papel a cumprir. Precisamos responder à

mensagem do evangelho e nos tornar cristãos. A terminologia bíblica para nossa resposta é aquilo que preguei no sermão do culto fúnebre: todos precisam se arrepender de seus pecados e crer nas boas-novas de Jesus Cristo.

Se desejamos saber como nos tornar cristãos, Paulo nos convida a olhar para os tessalonicenses. Eles agiram de modo correto. Seu exemplo pode ser imitado por outros. Paulo não usa os termos *arrepender-se e crer*, mas foi exatamente o que os tessalonicenses fizeram. O apóstolo lhes diz:

Nosso evangelho não chegou a vós somente em palavra, mas também em poder e no Espírito Santo e com plena convicção [...] E vos tornastes nossos imitadores e do Senhor, pois recebestes a palavra em meio a muita aflição, com a alegria do Espírito Santo, de modo que vos tornastes exemplo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia (1Ts 1.5-7).

Paulo pregou as boas-novas da Palavra de Deus com o poder do Espírito. Os tessalonicenses foram convencidos do pecado. Apesar de sua aflição, se converteram e se tornaram imitadores de Paulo, pois conheciam a alegria que vem de Deus. A mudança na vida deles foi tão evidente, que se tornaram exemplo para igrejas de outras nações.

A CONVERSÃO EXIGE ARREPENDIMENTO

Para tornar-se cristão, é preciso arrepender-se de seus pecados. A ideia fundamental do arrependimento é *conversão*, mudança de rumo. Observe como Atos usa o termo *arrependimento* e a ideia de converter-se de modo paralelo:

- Portanto, arrependei-vos e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam apagados (At 3.19).
- Deviam arrepender-se e converter-se a Deus, praticando obras próprias de arrependimento (At 26.20).

De modo semelhante, quando Paulo descreve a conversão dos tessalonicenses, fala de uma reorientação ou mudança radical de rumo: “... Vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1.9). A conversão deles, contudo, não foi apenas moral

ou comportamental. Foi uma mudança no foco da adoração. Deixaram de adorar ídolos e passaram a adorar a Deus.

Um ídolo é algo ou alguém sem o qual você não consegue se sentir feliz nem realizado. Podemos transformar quase qualquer coisa em ídolo: sexo, dinheiro, as opiniões de outras pessoas a nosso respeito, segurança, controle, conveniência. Nosso ídolo predileto, porém, é o ego. Eu sou meu ídolo predileto. Você é seu ídolo predileto. E desejamos que outros prestem culto a nosso ídolo predileto.

Fomos criados para adorar e, quando não adoramos a Deus, adoramos a alguma outra coisa.

Portanto, chamar as pessoas ao arrependimento significa chamá-las a mudar o foco de sua adoração. O que ou quem estamos adorando em lugar de Deus? O que requer nosso tempo e nossa energia, nossos recursos, nossos momentos livres? O que desperta nossa raiva? O que nos dá esperança e consolo? O que desejamos para nossos filhos?

Os ídolos fazem muitas promessas, embora não sejam capazes de cumpri-las.

O FALSO ARREPENDIMENTO

Arrepende-se significa colocar Deus no lugar de nossos ídolos. Antes de ser uma mudança de comportamento, precisa ser uma mudança de adoração. Essa ideia é bem diferente do conceito que costumamos ter de arrependimento.

Muitas vezes, tratamos o arrependimento como um chamado para pôr a vida em ordem. Fazemos boas ações para compensar as más. Tentamos igualar os dois pratos da balança ou mesmo colocar mais peso no prato das coisas boas. Por vezes, falamos sobre arrependimento como se fosse uma resolução de Ano Novo, religiosa e extremamente séria.

- Não vou mais perder a calma com meus filhos.
- Nunca mais vou ver pornografia.
- Nunca mais vou gastar meu tempo de trabalho com outras atividades.
- Vou parar de falar mal de meu chefe pelas costas.

No entanto, mesmo que corrijamos nosso comportamento em uma ou outra área, pode acontecer de o coração continuar devotado a nossos ídolos.

Os fariseus ilustram essa ideia. Eram os indivíduos mais bem-comportados da Palestina, o tipo de pessoa que você gostaria de ter como vizinho. Não permitiam que os filhos deixassem a bicicleta largada na frente de seu portão. Não davam festas barulhentas nem jogavam tocos de cigarro no seu canteiro de flores. Sempre limpavam a sujeira do cachorro. Eram cidadãos exemplares. No entanto, Jesus os chamou sepulcros caiados: limpos por fora, mas cheios de corrupção por dentro (Mt 23.27). O fato é que não apenas pessoas más são idólatras. Pessoas boas, morais e até mesmo religiosas também adoram ídolos. Arrependimento não é sinônimo de determinação moral.

Por vezes, falamos de arrependimento como se consistisse em sentir-nos mal ou culpados por nosso comportamento. Quando somos pegos em flagrante. Quando não somos pegos em flagrante. Sentimo-nos culpados quando decepçcionamos outra pessoa ou a nós mesmos. Sem dúvida, o arrependimento requer convicção de nossa culpa. No entanto, é possível sentir-se culpado e, ainda assim, amar o pecado do qual se é culpado. Qualquer um que cedeu à atração da lascívia sabe disso. “Como o cão volta a seu vômito, assim o insensato repete sua insensatez” (Pv 26.11). Arrependimento não é um sentimento.

O VERDADEIRO ARREPENDIMENTO

O verdadeiro arrependimento é uma nova adoração. Tem o aspecto de uma vida transformada, mas a mudança de comportamento é resultante de mudança de adoração, e não o contrário.

Arreponder-se é ser convencido pelo Espírito Santo da pecaminosidade de seu pecado — não da maldade de seus atos, mas da traição de seu coração para com Deus.

Arreponder-se significa odiar o que você amava e servia — seus ídolos — e dar as costas para isso.

Arreponder-se significa voltar-se em amor para o Deus que antes odiávamos e servi-lo. É uma lealdade nova e mais profunda do coração.

Se arrependimento é, de fato, uma mudança de adoração, nossas igrejas não devem pressionar as pessoas a “decisões” apressadas e irrefletidas em favor de Jesus, e depois lhes oferecer garantias rápidas. Antes, devemos chamar as pessoas ao arrependimento. Quando separamos arrependimento de conversão por imaginar que ele pode vir depois ou ter medo de assustar as pessoas, reduzimos a conversão a sentimentos desagradáveis ou a uma resolução moral. Pior, corremos o risco de garantir a um “convertido” que ele está justificado diante de Deus quando, na verdade, não é o caso. É quase como dar a alguém uma vacina contra o evangelho.

Você sabe como uma vacina funciona. Ela usa um agente defeituoso para enganar o corpo e levá-lo a pensar que foi infectado, de modo que produza anticorpos. Então, quando houver uma infecção verdadeira, o corpo estará preparado para combatê-la. De forma semelhante, chamar as pessoas a “tomarem uma decisão” sem chamá-las ao arrependimento apenas cria o risco de gerar um falso convertido e de vaciná-lo contra o verdadeiro evangelho. Ele conclui que já tem o cristianismo! E reforçamos a dose da vacina ao dizermos: “Uma vez salvo, sempre salvo”.

Como é um falso convertido? Com frequência, é alguém que

- se empolga com o céu, mas considera os cristãos e a igreja local uma chatice;
- pensa que o céu deve ser ótimo, quer Deus esteja lá quer não;
- gosta de Jesus, mas não se comprometeu com o pacote completo de obediência, santidade, discipulado e sofrimento;
- não sabe fazer distinção entre obediência motivada por amor ou por legalismo;
- se incomoda mais com os pecados dos outros que com seus próprios;
- dá pouco valor à graça e muito valor à própria comodidade.

Porém, de que maneira o Novo Testamento descreve um cristão autêntico? De acordo com 1João, o cristão verdadeiro é alguém que

- ama seus irmãos em Cristo e a igreja local porque ama a Deus (5.1);

- deseja ter comunhão com Deus e não apenas a comodidade do céu (1.6,7; 5.1);
- entende que seguir a Jesus significa discipulado (1.6);
- obedece a Deus por amor a ele (5.2,3);
- anseia confessar seus pecados e abandoná-los (1.9);
- dá grande valor à graça e pouco valor a seus próprios desejos (1.7,10).

Tornar-se cristão significa assumir uma vida de arrependimento. De acordo com Jesus, é tomar sua cruz e segui-lo. Começa em um momento específico, mas tem continuidade ao longo de uma vida inteira de serviço e de amor a Deus. Dietrich Bonhoeffer expressou bem esse conceito ao dizer: “Quando Cristo chama um homem, pede que venha e morra.”¹

A CONVERSÃO EXIGE FÉ

O arrependimento está num dos lados da confusão; no outro está a crença ou a fé. Para tornar-se cristão, é preciso não apenas arrepender-se, mas também crer nas boas-novas a respeito de Jesus. “Arrependei-vos e crede no evangelho”, Jesus disse (Mc 1.15).

No modelo de conversão considerado anteriormente, Paulo diz que os tessalonicenses estão “esperando do céu seu Filho, a quem ele ressuscitou dos mortos, Jesus, que nos livra da ira por vir” (1Ts 1.10). Observe que Paulo resume as boas-novas do evangelho neste versículo: Jesus, depois de ressuscitar dos mortos, promete nos livrar da ira por vir. Em resposta, os tessalonicenses “esperam” Jesus do céu. Dizer que alguém *espera* Jesus do céu talvez seja a melhor descrição do que significa crer.

O QUE A FÉ NÃO É

Ter fé ou crer é mais que aceitar um conjunto de ideias. Por certo, inclui aceitar mentalmente a verdade do evangelho. No entanto, Tiago adverte que até os demônios creem na verdade acerca de Deus e estremecem (Tg 2.19).

Ter fé não é recitar uma fórmula verbal mágica. Sem dúvida, é preciso “confessar com sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos” (Rm 10.9). Não se trata, contudo, de um encantamento mágico. É só dizer as palavras e pronto: você está salvo. Infelizmente, às vezes evangélicos pedem que pessoas orem assim: “Jesus Cristo, sou um pecador. Perdoa meus pecados”, e depois garantem que estão salvas, como se as palavras tivessem algum poder inerente. Os católicos ensinam que, se a pessoa certa disser as palavras certas, o vinho se transforma em sangue, ou faz com que a água do batismo regenere a criança. E muçulmanos relatam que, se alguém disser três vezes em árabe diante de testemunhas “não há outro Deus senão Alá, e Maomé é seu profeta”, essa pessoa se torna muçulmana. Como é possível, contudo, uma fórmula verbal transformar o coração que adora ídolos em um coração que adora a Deus?

Ter fé não é ser espiritual, ou pertencer a uma comunidade de fé, ou buscar direção espiritual. Talvez inclua essas coisas. Hoje em dia, porém, muitas pessoas se consideram espirituais ou afirmam estar em uma jornada, mas ainda não têm conhecimento de Deus da maneira que ele se revelou em Jesus Cristo.

O QUE A FÉ É

Ter fé cristã é confiar de todo o coração que Deus cumprirá suas promessas no evangelho. Os tessalonicenses não assinaram um cartão nem recitaram uma oração. Começaram a esperar em Jesus, algo que se refletiu em sua vida. Os judeus no meio deles deixaram de depender de Moisés e da Lei para sua justificação. Os gregos deixaram de depender de seus ídolos. Todos deixaram de depender de suas riquezas. Em lugar disso, começaram a depender das promessas do evangelho de Deus. Adiante deles, não tinham mais julgamento e condenação, mas, sim, vida eterna com Deus. Portanto, começaram a viver de forma perceptivelmente diferente. A fé mudou a vida deles, pois a fé não apenas repete as promessas de Deus para ele em oração, mas também *apoia* nessas promessas.

Pouco tempo atrás, um de meus filhos ficou bastante enfermo. Sabíamos de antemão que, por algum tempo, a doença o deixaria

fortemente desnorteado e talvez até delirante. Portanto, enquanto meu filho ainda estava lúcido, olhei-o nos olhos e disse: “Não importa o que aconteça, lembre-se de duas coisas: “Eu o amo. Pode confiar em mim”. Quando começou a delirar, não conseguia entender o que se passava ao seu redor. Quando olhava para mim, porém, eu repetia: “Eu o amo. Pode confiar em mim”. Ele sabia que podia se apoiar nessas promessas.

Isso é fé. Ela confia em Deus, em seu caráter e em seu amor e, portanto, se apoia nas promessas do evangelho e em nada mais. Por isso Tiago diz que a fé sem obras é morta (Tg 2.17). A verdadeira fé se apoia, depende, segue e trabalha.

QUE FÉ ENSINAMOS?

O que esse conceito de fé significa para a vida da igreja? Em primeiro lugar, influencia aquilo que ensinamos e como oferecemos garantias. Influencia aquilo em que dependemos. Ensinar moralismo nos leva a depender de nossas próprias boas obras. Ensinar sinceridade nos leva a depender de experiências emocionais e de uma cultura da reconsagração. Ensinar espiritualidade nos leva a depender do aspecto concreto da jornada, e não da esperança do destino. Ensinar a decisão como fator principal nos leva a depender da oração que fizemos no acampamento de férias quando éramos crianças ou no retiro de casais.

“Examinai a vós mesmos, para ver se estais na fé”, diz Paulo (2Co 13.5). Paulo não diz para examinarmos decisões passadas ou avaliarmos se estamos nos sentindo espirituais. Ele instrui o cristão a olhar para a vida hoje. A fé salvífica se apega a Cristo e não solta. E, como o arrependimento, deixa indícios em toda a vida do crente. Como igrejas, devemos procurar evidências atuais da graça de Deus na vida de nossos irmãos e destacá-las uns para os outros.

QUE FÉ OFERECEMOS?

Em segundo lugar, o conceito bíblico de fé influencia nosso evangelismo. Se o evangelismo sem arrependimento produz falsos convertidos, pode-se dizer o mesmo do evangelismo sem um entendimento correto de fé. Considerar a fé anuência mental ou credo verbal cria “confessores formais”, como os puritanos os chamavam. Esses indivíduos são capazes

de explicar o evangelho. Concordam com ele. Fizeram uma oração, e é possível que tenham se comovido ao fazê-la. Contudo, não conhecem Jesus nem se apoiam em suas promessas, e esse fato fica evidente em sua vida, em seus relacionamentos e em seu caráter. Como João observa, por exemplo: “Se alguém diz: ‘Amo a Deus,’ e odeia seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama seu irmão, a quem viu, não pode amar a Deus, a quem não viu” (1Jo 4.20).

Desde o Segundo Grande Despertamento, evangélicos caracterizam a conversão como decisão. Levante a mão! Venha à frente! Venha ao altar! Qual é o resultado de transformar conversão em decisão? Igrejas cheias de cristãos professos cuja vida não é diferente da vida do mundo. Número semelhante de divórcios. Materialismo desenfreado. Alto índice de uso de pornografia. “Membros” da igreja que raramente ou nunca participam dos cultos. O problema não é a presença na igreja de cristãos que ainda pecam. É claro que pecamos. O problema é a presença na igreja de “cristãos” que não são cristãos. No entanto, nós lhes demos garantias e lhes dissemos que jamais devem permitir que alguém os questione.

Para vexame nosso, contamos vantagem dessas “decisões” e consideramos nosso evangelismo bem-sucedido. E, no entanto, onde está a maioria desses “convertidos” depois de um ano? Por que nos empolgamos tanto? Temo que nossa empolgação se deva ao fato de serem *nossos* convertidos. Vem à lembrança a história de Charles Spurgeon a respeito do pastor Roland Hill. Certo dia, um bêbado abordou o pastor Hill e disse: “Ei, sr. Hill, sou um de seus convertidos”. Hill respondeu: “Deve ser mesmo um dos meus. Com certeza não é do Senhor!”²

Quando escritórios, escolas e campos esportivos estão cheios de *nossos* convertidos, o mundo responde: “Se esse é um cristão, por que me dar o trabalho de aceitar Jesus?”

É fácil colher, manipular e juntar decisões. Mas Jesus ordenou que fossemos e fizéssemos discípulos. Não decisões, não convertidos, mas discípulos — seguidores para a vida toda, que suportam dificuldades, tomam sua cruz e seguem Jesus.

QUE FÉ APRESENTAMOS COMO MODELO?

Por fim, o conceito bíblico de fé influencia a membresia da igreja.

Não devemos elevar o padrão para ser discípulo acima daquilo que Jesus definiu, mas também não devemos rebaixá-lo. De que maneira Jesus chamava as pessoas a responderem ao evangelho? “Arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1.14,15). E foi exatamente isso que os primeiros discípulos fizeram. Deixaram sua antiga vida e seguiram Jesus com arrependimento e fé.

De que maneira os apóstolos chamavam as pessoas a responderem ao evangelho? No dia de Pentecostes, Pedro se dirigiu às multidões em Jerusalém: “Arrependei-vos, e sede todos batizados em nome de Jesus Cristo, para o perdão de vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2.38).

Percebeu a mudança de termos? “Arrependei-vos e crede” se tornou “Arrependei-vos e sede batizados”. Pedro não estava dizendo que o batismo salva. Antes, estava afirmando que o batismo é a forma pela qual a fé se manifesta. É desse modo que a fé responde publicamente e “assina embaixo”, por assim dizer.

Voltemos um pouco na história. Em Mateus 16 e 18, Jesus confere a autoridade das chaves do Reino às igrejas locais para confirmar formalmente tanto as confissões verdadeiras do evangelho como os confessores verdadeiros do evangelho. Adiante, em Mateus 26 e 28, Jesus institui a ceia do Senhor e o batismo, as maneiras pelas quais a igreja usa as chaves para dar garantias aos confessores do evangelho. O batismo é a primeira palavra de garantia pública de que outras pessoas concordam com a sua profissão de fé. Por isso a igreja batiza em “nome” do Pai, do Filho e do Espírito Santo (28.19). “Aqui está a camisa do time!”. Depois disso, a ceia do Senhor dá essa garantia continuamente. “Visto que há somente um pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos do mesmo pão” (1Co 10.17). A participação do pão confirma e revela quem é o corpo. A igreja também pode retirar essa confirmação da profissão de fé da pessoa por meio da disciplina eclesiástica ou da excomunhão, que remove a pessoa da Mesa do Senhor e da membresia da igreja.

Em outras palavras, Jesus não deixou uma multidão de indivíduos que confirmam a própria profissão de fé e tomam uma decisão pontual. Antes, deixou uma igreja com autoridade para batizar e dar a ceia do Senhor, outra forma de dizer que deixou algo que chamamos “membresia eclesiástica”. A membresia eclesiástica, em seu cerne bíblico, é a confirmação e supervisão da profissão de fé uns dos outros e do discipulado a Cristo, realizadas por meio do batismo e da ceia.

Portanto, quando batizamos alguém, a norma deve ser recebê-lo como membro em nossa igreja. Em outras palavras, a norma deve ser manter o batismo e a ceia juntos. Um é a porta de entrada da casa. O outro é a refeição contínua da família. Ao mantê-los juntos, não apenas confirmamos uma decisão pontual, mas também damos testemunho de vidas transformadas, de arrependimento contínuo. Desse modo, nos certificamos de que nossas afirmações comunitárias têm integridade e combatemos falsos convertidos e o nominalismo cristão.

Claro que haverá exceções. Visitantes de outras igrejas podem participar da ceia do Senhor, supondo que outra igreja que prega o evangelho confirmaria sua profissão como membros. Afinal, sua igreja não é a única igreja do mundo. E, por vezes, pode acontecer de batizarmos alguém e logo depois nos despedirmos dessa pessoa, pois ela vai se mudar para outra cidade ou país. Essas exceções não devem, contudo, definir a prática normal.

De modo mais amplo, a fé que identifica a pessoa com a morte e a ressurreição de Jesus não pode ser separada da fé que a identifica com o povo de Jesus. Nas palavras de Gordon Smith, “a conversão não é apenas conversão a Cristo; também é um ato de iniciação na comunidade cristã. A fé cristã é caracteristicamente *social*”.³ Portanto, a verdadeira fé se une a uma igreja local ao se unir a Deus. Depois que Pedro ordenou ao povo que se arrependesse e fosse batizado, o texto diz: “Aqueles que receberam sua palavra foram batizados; e naquele dia, foram acrescentadas cerca de três mil pessoas” (At 2.41). Acrescentadas a quê? À igreja em Jerusalém.

DAR GARANTIA

O conceito bíblico de arrependimento e fé indica que as igrejas são chamadas a fazer discípulos, e não colecionar decisões. O problema é que nosso coração autossuficiente, que teme pessoas, sempre será tentado a oferecer garantias mais que depressa. Devemos, contudo, ser mais cautelosos nesse aspecto.

Certa vez, tive a oportunidade de colaborar em uma importante campanha evangelística. Em nosso treinamento, aprendemos a dizer às pessoas que, se fizessem a oração impressa no cartão que lhes demos, poderiam ter certeza de que haviam nascido de novo e passariam a eternidade com Deus e que jamais deviam duvidar dessa verdade. Essa estratégia me preocupa por dois motivos. Primeiro, incentivava as pessoas a encontrar certeza em sua decisão e na oração feita naquele dia. No entanto, a Bíblia não nos instrui a olhar para uma decisão que tomamos no passado. Antes, instrui-nos a examinar nossa vida hoje e verificar se estamos na fé (2Co 13.5). Há arrependimento contínuo e fé? Parafraseando John Piper, não sei que estou vivo porque tenho uma certidão de nascimento. Sei que estou vivo porque estou respirando.⁴

Segundo, a palavra de garantia deve ser dada por uma igreja por meio do batismo e da membresia na igreja. Foi o que Jesus determinou. É válido que façamos campanhas de evangelismo, mas devemos encaminhar as pessoas de imediato para igrejas. Na vida da igreja, a palavra de garantia vem das pessoas que o conhecem e que caminharão com você ao longo do tempo. Não estamos dizendo que as igrejas são infalíveis. Mas essa palavra de garantia, dada por meio das ordenanças da igreja, deve ser ligada a uma comunidade de pessoas que convivem umas com as outras.

Por certo, as igrejas não podem ter a ousadia de imaginar que veem o coração. No entanto, Jesus declarou repetidamente que somos capazes de fazer avaliações com base na vida externa, observada:

- Pelos frutos os reconhecereis [...] toda árvore saudável produz bons frutos, mas a árvore doente produz frutos maus (Mt 7.16,17).
- A pessoa boa tira coisas boas de seu bom tesouro; a pessoa má tira coisas más de seu mau tesouro (Mt 12.35).

- Pois do coração saem maus pensamentos, homicídio, adultério, imoralidade sexual, furtos, falsos testemunhos e calúnias (Mt 15.19).

Não temos como ver as raízes de uma árvore só de olhar para ela. Podemos, contudo, ver se a árvore produz maçãs ou laranjas. Não temos como observar até que ponto o orgulho governa o coração, a lascívia domina os desejos ou a cobiça controla a volição. Contudo, podemos ver como um homem trata seus filhos e ama sua esposa. Podemos saber se alguém rouba ou comete fraude. Esses são frutos visíveis do coração invisível.

É trabalho da igreja ouvir profissões de fé, considerar esses frutos e dar garantias aos arrependidos. Embora a igreja seja uma comunidade de pecadores, é constituída de um tipo específico de pecadores: os arrependidos.

Outra palavra para isso é *discípulos*.

¹ Dietrich Bonhoeffer, *The cost of discipleship*, ed. rev. (New York: MacMillan, 1963), p. 99 [edição em português: *Discipulado* (São Paulo: Mundo Cristão, 2016)].

² Charles H. Spurgeon, “The Metropolitan Tabernacle pulpit”, in: *Spurgeon sermon collection*, Accordance, ed. Eletrônica (Altamonte Springs: OakTree Software, 2012), parágrafo 62026, 2 vols.

³ Gordon T. Smith, *Transforming conversion: rethinking the language and contours of Christian initiation* (Grand Rapids: Baker Academic, 2010), p. 148.

⁴ John Piper, “Hope in eternal purity”, website Desiring God, <http://www.desiringgod.org/interviews/hope-in-eternal-purity-aim-at-daily-purity>, acesso em: 4 de nov. 2015.

SANTOS, NÃO SARADOS

Implicações para a vida cristã

Nasci no ano antes de Phil Donahue começar seu programa de televisão e cresci com esse programa no cenário de minha infância. Para quem não sabe, Donahue foi o primeiro a ter um programa de entrevistas como o de Oprah Winfrey. A própria Oprah disse: “Se não tivesse existido o programa do Phil Donahue, não haveria o programa da Oprah Winfrey”.¹ Donahue foi pioneiro. Mas foi mais que isso. Ele, Oprah, Dr. Phil e outros entenderam algo a respeito da cultura americana. Como nação, estamos passando de uma cosmovisão moral para uma cosmovisão terapêutica. Esses programas refletiram essa realidade e constituíram sua vanguarda.

A atitude terapêutica é a convicção de que nossa maior necessidade como indivíduos consiste em aprender amor e aceitação própria e em nos sentir à vontade com nós mesmos. Quando buscamos aprovação das pessoas, o resultado é uma série de males pessoais e sociais: transtornos alimentares, relacionamentos codependentes, vício em drogas, casamentos abusivos... a lista é interminável. Porém, tudo isso é uma busca idealista por algo que, no fim das contas, somente nós podemos nos dar: aceitação incondicional.

É nesse ponto que entram em cena programas como o de Donahue. Ele pedia a convidados que confessassem comportamentos que, em geral, seriam considerados anormais. O propósito dessas confissões para a câmera, contudo, não era obter perdão e absolvição. O propósito era facilitar a aceitação pelo convidado propriamente dito e, na maioria das vezes, pela plateia no estúdio. A decisão de um convidado de “sair do

armário” era uma demonstração de radical aceitação própria. E, no entanto, o trabalho dessas sessões de terapia em grupo ia além dos estúdios de televisão e chegava às salas de todos os que a elas assistiam. Se a pessoa na televisão, com uma vida mais caótica que a minha, consegue se aceitar, posso fazer o mesmo. Os extremos apresentados nos programas de Donahue e Oprah nos davam permissão de nos libertar da vergonha e da culpa e, por fim, começar a amar a nós mesmos.

Os problemáticos e angustiados recebem cura quando são libertos dos padrões alheios para que possam aceitar a si mesmos como são. Além disso, a mentalidade terapêutica nos ensina a aceitar aos outros como eles são. A cura terapêutica resulta em pessoas felizes e equilibradas, que podem dizer “Eu estou ok. Você está ok”.

Desde a década de 1960, os cristãos entenderam que essa mensagem deixa Jesus de fora. Não precisamos apenas nos aceitar. Precisamos que Deus nos aceite. Raciocinamos que, de acordo com as boas-novas do evangelho, Deus não apenas nos aceita e diz “Você é gente boa”, mas também nos ama incondicionalmente. Usando outra imagem, a cultura terapêutica talvez diga que nosso coração é como um balde vazio que somente nós podemos encher. Como cristãos, porém, sabemos que não somos capazes disso. Somente Jesus pode encher nosso balde com seu amor infinito. Para muitos cristãos de hoje, essas são as boas-novas do cristianismo. Jesus preenche o vazio de nosso coração. Ele nos sara.

A VERDADEIRA CURA CONSISTE EM SER SANTIFICADO

Nos três primeiros capítulos, argumentei que a conversão é, primeira e fundamentalmente, obra de Deus em nós, mas que também temos um papel e uma responsabilidade. Não precisamos apenas de uma decisão, mas de uma mudança total de foco interior na adoração por meio do arrependimento e da fé. No restante do livro, tratarei das implicações da conversão para nossa vida de modo individual, para nossas igrejas e para o evangelismo. Se conversão significa ser renovado por meio da obra soberana e salvífica de Deus, que diferença deve fazer?

Para começar, significa que não somos sarados de modo terapêutico, mas, sim, nos tornamos santos.

Antes de descartar a linguagem de cura, permita-me, mais que depressa, dizer que a cura é, afinal, uma das imagens bíblicas para a salvação. Isaías declarou: “Pelas suas feridas fomos sarados” (Is 53.5). Jesus veio para curar os doentes, uma ilustração física de algo maior. Quando a Bíblia fala de cura, porém, se refere a algo diferente daquilo que nossa cultura terapêutica moderna quer dizer. Na Bíblia, a enfermidade é consequência de pecado e maldição. Também é um retrato de nossa natureza espiritual ímpia e de nossa incapacidade de agradar a Deus. Portanto, ser curado não se trata de ter paz com nós mesmos. Cura é remoção da culpa e da vergonha e, enfim, da maldição; é a restauração a um relacionamento correto com Deus. Em outras palavras, nas Escrituras, ser sarado é ser santificado.

O que significa os cristãos serem santos? Não significa que são melhores que outros. Não significa que podemos adotar uma atitude de superioridade. Não significa simplesmente obedecer a regras, quer venham da direita fundamentalista, quer da esquerda progressista. Antes, o cristão é santo porque foi (1) separado (2) para um novo senhor (3) com um novo amor.

Vejamos cada um desses itens.

SER SANTO É SER SEPARADO

Ser santo é ser separado.

Para deixar esse fato claro, quando Paulo escreve aos colossenses usa uma imagem com a qual a maioria de nós não está habituada: a circuncisão. O apóstolo escreve:

[Em Cristo] fostes circuncidados com uma circuncisão não feita por mãos, ao despojar o corpo da carne, pela circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados com ele pela fé na obra poderosa de Deus, que o ressuscitou dos mortos. E a vós, que ainda estáveis mortos nas vossas transgressões e na incircuncisão da vossa carne, Deus concedeu vida juntamente com ele, perdoadando todas as nossas transgressões e cancelando o registro de dívida que era contrário a nós com suas exigências legais. Colocou-o de lado, cravando-o na cruz (Cl 2.11-14).

Paulo usa a circuncisão para descrever nossa conversão: estávamos mortos em nosso pecado, mas Deus nos concedeu vida por meio da fé. É fácil desconsiderar aqui a imagem da circuncisão. Quase todos conhecem o procedimento médico e provavelmente sabem que os

israelitas o praticavam. Duvido, porém, que muitos de nós associemos nossa conversão à imagem da remoção do prepúcio.

Foi o que Paulo fez, pelos seguintes motivos.

No Antigo Testamento, Deus separou Abraão e seus descendentes para um relacionamento especial com ele por meio de uma aliança. Também lhes deu um sinal da aliança, a circuncisão (Gn 17.11). A circuncisão indicava que Abraão e seus descendentes eram santos, separados para ser usados por Deus e ser postos debaixo da bênção de Deus. Permanecer incircunciso significava estar fora da relação da aliança (Gn 17.14).

Na Epístola aos Colossenses, Paulo aplica a imagem da circuncisão à igreja. Claro que ele não está falando de tirar um pedaço de pele com um bisturi. Está fazendo uma analogia. Assim como os descendentes de Abraão foram separados por Deus para ser santos, todos os que estão unidos a Cristo foram separados ou consagrados por ele.

Consagração, outro termo para separação, não é algo que caracteriza apenas os cristãos verdadeiramente espirituais. Não existem duas classes de cristãos: os verdadeiramente santos e o restante. Todos os cristãos são santos. Todos fomos circuncidados e consagrados em Cristo.

O que significa ser separado? Para o Israel do Antigo Testamento, a circuncisão era apenas o começo. Também eram usadas roupas diferentes de todos os outros povos, havia uma alimentação diferente, organizavam os campos para o plantio de forma diferente, colocavam enfeites diferentes nas paredes da casa e até mesmo tinham um corte de cabelo diferente. Imagine ir ao barbeiro e pedir o “penteado da santidade”! Em outras palavras, a intenção de Deus era que o caráter separado dos israelitas, iniciado com a circuncisão no oitavo dia, se manifestasse para o resto da vida e na vida como um todo, de forma visível para o mundo.

Para os cristãos do Novo Testamento, seu caráter separado não é, acima de tudo, de ordem física, mas precisa se manifestar cada vez mais na vida como um todo, durante todos os nossos dias, de forma visível para o mundo. As pessoas devem observar nossa santidade em nosso modo de viver. Paulo faz uma transição quase imperceptível do evangelho e de nossa circuncisão espiritual, em Colossenses 2, para o modo em que devemos viver em Colossenses 3:

Se, então, fostes ressuscitados com Cristo, buscai as coisas que estão no alto [...] Pensai nas coisas que estão no alto e não nas que estão na terra [...]

Eliminai, portanto, tudo o que é terreno em vós: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejo mau e cobiça, que é idolatria [...] revesti-vos do novo homem, que está sendo renovado em conhecimento à imagem de seu criador [...]

Como escolhidos de Deus, santos e amados, revesti-vos, portanto, de um coração compassivo, de bondade, humildade, mansidão e paciência [...] revesti-vos de amor (Cl 3.1,2,5,10,12,14).

Podemos dizer que Paulo se preocupa com aquilo que vestimos. Devemos nos despir de nosso antigo modo de viver e nos revestir do modo de Cristo. Paulo não cai em moralismo, do tipo “tenham um modo de viver bom para que Deus os aceite”. Antes, extrai as implicações de nossa conversão, de nossa circuncisão espiritual.

É por meio dessas marcas visíveis de santidade que devemos reconhecer uma nova criatura em Cristo quando ela passa por nós na rua ou se muda para a casa ao lado da nossa, e não por um modo de vestir diferente ou por uma dieta esquisita. O que identificará essa pessoa será o caráter de sua vida. E o cristão não vive desse modo porque finalmente aprendeu a amar a si mesmo, mas porque Deus mudou sua natureza; e, ao mudar sua natureza, ele o separou para si. Deus torna os cristãos santos.

Portanto, qual é a diferença entre a versão de nossa cultura de terapia ou cura e a santidade bíblica? Uma diz: “Você é gente boa”; a outra diz: “Você foi escolhido e separado”. Uma manda amar a mim mesmo e continuar em pecado, pois não tem problema; a outra afirma que meu destino final e minha nova identidade não devem ser identificados com meu pecado; portanto, devo dizer *não* a ele. Uma procura fazer com que eu me sinta bem comigo mesmo; a outra volta toda a minha vida para Deus. Uma diz respeito a mim e a meus sentimentos; a outra diz respeito a Deus e à obra dele em minha vida.

Quando nossa igreja adota um evangelho terapêutico, tratamos a vida cristã mais como uma luta para nos sentirmos aceitos do que uma luta contra o pecado. Deixamos de cantar os hinos antigos sobre santificação e perseverança e, em lugar deles, entoamos cânticos com letras romantizadas sobre a proximidade, o abraço e o toque carinhoso de Jesus. Consideramos legalistas todas as exortações contra o pecado em um sermão, como incentivo à obediência por meio da culpa.

Definimos nosso relacionamento inteiramente em torno da aceitação. Chegamos até a dar nova forma à obediência com base no imperativo terapêutico. Se, por exemplo, não sou capaz de discernir racional ou emocionalmente de que maneira a pureza sexual ou a permanência em um casamento difícil é boa para *mim*, talvez conclua que a ordem se aplica a outros, mas que não era propósito de Deus que eu permanecesse infeliz ou insatisfeito. Em termos teológicos, o evangelho terapêutico nos ensina a amar os indicativos do evangelho, mas a evitar os imperativos do evangelho, e a ler tanto os indicativos como os imperativos pela lente de nossa própria felicidade.

Santidade não consiste meramente em obedecer a regras ou em manter códigos exteriores de moral. Santidade é a liberdade proporcionada por uma nova natureza.

Sem dúvida, a carne está em guerra com o espírito em cada um de nós (1Pe 2.11), e essa guerra continuará até que o Senhor nos chame para nosso lar. Não obstante, não é penoso viver conforme a nova natureza se você a tem. Penoso é viver de acordo com uma natureza que você não tem. Aliás, é mais que penoso. É impossível. Será que você não vive como alguém separado porque você não foi separado? Nas palavras de um autor que escreveu recentemente sobre santidade:

Alguns pesquisadores e acadêmicos observam o mundanismo da igreja e concluem que ser nascido de novo não faz diferença no modo de viver das pessoas. Devemos chegar à conclusão oposta: muitos que frequentam a igreja não são verdadeiramente nascidos de novo.²

SER SANTO É SER SEPARADO PARA UM NOVO SENHOR

Por que a santidade é importante?

Pouco tempo atrás, alguém que frequenta minha igreja me fez essa pergunta. Essa pessoa ama Jesus e parece levar uma vida santa. No entanto, vem de um contexto legalista. Descobriu há pouco tempo a liberdade de saber que a salvação é somente pela graça e não queria falar de santidade e obediência por medo de enfraquecer o evangelho. Sua abordagem era confiar que a graça de Deus colocaria as coisas em ordem em sua vida.

A santidade é importante porque ser “separado” significa ser separado para um novo senhor. Essa é uma das lições de Romanos 6.

Paulo começa o capítulo com uma versão atenuada da pergunta desse homem: “Que diremos, então? Permaneceremos no pecado para que a graça aumente?” (v. 1). Se fomos inteiramente perdoados e aceitos por Deus em razão daquilo que Cristo fez, por que não continuar a pecar?

Para começar a responder, Paulo aponta para nosso batismo: fomos sepultados com Cristo no batismo e ressuscitados com ele dos mortos (v. 2-5). Em seguida, explica o que isso significa. Antes, éramos “escravos do pecado” (v. 6), pois nossa natureza nos dominava, e nossa natureza é corrompida pelo pecado. Portanto, o pecado era nosso senhor.

Agora, porém, nosso velho homem está morto. Deus nos deu nova vida em Cristo, vida que foi comprada por um preço. Isso significa que agora temos um novo senhor, e nossa vida segue o modelo definido por ele.

Quando estava aqui na terra, Jesus não serviu ao pecado, mas a Deus. Por amor a nós, ele “morreu para o pecado” e “vive para Deus” (v. 10). Por meio de nossa união com Cristo pelo batismo em sua morte e ressurreição, nossa lealdade foi transferida para um novo senhor. Costumávamos oferecer nosso corpo a serviço do pecado “como instrumento de iniquidade”. Agora, porém, como povo “trazido da morte para a vida”, oferecemos nossa vida a serviço de Deus, como instrumento em suas mãos “para a justiça” (v. 13).

Portanto, a santidade é importante porque revela quem é nosso senhor. Os cristãos marcham em uma cadência diferente. Obedecemos a ordens diferentes. E o mundo percebe. No início, os incrédulos usaram o nome “cristãos” (pequenos Cristos) como insulto. Mas foi um nome que recebemos de bom grado, pois mostra a quem somos leais. Essas diferentes lealdades explicam por que os cristãos sempre enfrentaram perseguição. Não corremos atrás dos mesmos objetivos nem seguimos as mesmas ordens que as pessoas ao nosso redor. Nossa vida não valida o mundo, mas o contradiz. E o mundo não gosta de ser contrariado.

Voltemos à diferença entre o evangelho terapêutico e o evangelho bíblico. No evangelho terapêutico, Jesus veio para preencher o vazio de nosso coração. No evangelho bíblico, ele veio para estabelecer seu senhorio sobre nossa vida.

O evangelho terapêutico não nega o fato de que Jesus é Senhor, apenas o desconsidera. O efeito, contudo, é o mesmo, pois a necessidade soberana de amor e aceitação de meu coração permanece incontestada. Talvez confesse que Jesus é Senhor, mas seu senhorio jamais me levaria a sofrimento ou perseguição. Jamais confrontaria meu pecado, especialmente por meio da correção de outros cristãos. Jamais me pediria para abrir mão de meus filhos a serviço dele em vez de me dedicar a uma carreira respeitável. Continuo a ser senhor de minha vida, e minha necessidade de sentir segurança e amor continua a ser meu princípio governante.

A lealdade é visível. Jesus disse de modo bastante direto: “Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou odiará a um e amará a outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro” (Mt 6.24).

Se você é cristão, sua lealdade a Cristo se manifestará na sua forma de usar dinheiro, tempo, corpo, carreira e casa. Também ficará evidente na forma de amar seu cônjuge e seus filhos e na forma de tratar a igreja de Cristo.

Não estou dizendo que aprendemos a seguir a Cristo de um dia para o outro. Depositei minha fé em Cristo verdadeiramente quando criança. À medida que cresci, porém, outras coisas competiram por minha lealdade: garotas, sucesso acadêmico, uma carreira em medicina, entre outros. Quando fui para a faculdade, entendi que precisava fazer uma escolha. Sou eternamente grato a Deus porque ele me pegou quando era calouro e não me largou. Agora, trinta anos depois, gostaria de poder dizer que essas três décadas demonstraram compromisso contínuo e resolutivo com Cristo. Porém, infelizmente continuei a sentir a atração exercida por outros senhores. Repetidamente, tive de voltar a Romanos 6, me arrependei de minha inconstância e atentei à exortação de Paulo para considerar-me “morto para o pecado” e para me “apresentar a Deus”.

A lealdade a um novo senhor não é um ato realizado de uma vez por todas. É uma decisão continuamente testada e renovada. Como um soldado que jurou lealdade quando se alistou, mas que renova esse compromisso cada vez que bate continência a um oficial, assim é com o cristão. Alistamo-nos no batismo, e Romanos 6 diz que precisamos

considerar diariamente o significado de nosso batismo: estamos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo.

UM NOVO AMOR

Por fim, os cristãos são santos porque foram separados para um novo amor.

Queridos amigos, amemos uns aos outros, pois o amor é de Deus, e quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. Nisto o amor de Deus se manifestou entre nós, no fato de Deus ter enviado seu único Filho ao mundo para que vivamos por meio dele. Nisto está o amor: não em que nós amamos a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus nos amou de tal modo, nós também devemos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; mas, se amamos uns aos outros, Deus permanece em nós, e seu amor é aperfeiçoado em nós (1Jo 4.7-12).

Como você pode ter certeza de que é nascido de novo? Ao observar quem você ama. Um elemento fundamental de nossa natureza decaída e pecaminosa é nosso amor por nós mesmos, e não por Deus e pelo próximo. Nosso coração não é passivo nem carente como um balde vazio, à procura de amor nos lugares errados, conforme ensina a cosmovisão terapêutica. Nosso coração é corrompido. Amamos a nós mesmos, e não a Deus. Amamos a nós mesmos, e não a nosso próximo. Quando procuramos o amor, preferimos o amor de pessoas, e não de Deus, pois as pessoas apoiam quem somos em nosso pecado. Embora Deus prometa nos amar apesar de quem somos, não é o suficiente.

Quando somos convertidos, consagrados, circuncidados e batizados para ingressar na vida de Deus por meio de Cristo, Deus “vive em nós e seu amor se completa em nós”. Nossos afetos mudam. Deus nos dá uma nova natureza que ama a Deus e o próximo. O amor de Deus nos transforma, e essa transformação é comprovada em nosso amor abnegado.

Percebe por que é problemático transformar o amor de Jesus por mim em uma cura terapêutica? É verdade que o amor de Jesus nos preenche como nada mais. No entanto, o evangelho terapêutico me mantém no centro de meus afetos, e só amarei outros quando me sentir preenchido. O apóstolo João, porém, define o amor de outra forma: não diz que Jesus se sentiu preenchido, apoiado e pleno, mas que foi

esvaziado, ferido e quebrantado e, por fim, castigado pela ira de Deus por nosso pecado. E foi exatamente nessa situação que Cristo mais nos amou. Sepultados e ressurretos com Cristo, os cristãos também são chamados a amar a Deus e ao próximo mesmo quando não se sentem cheios do amor de Deus.

Em meio a sofrimento e perseguição, nós amamos. Quando Deus parece ausente, os cristãos amam. Quando pecam contra nós, também amamos. Não amamos porque nos sentimos amados. Amamos porque fomos amados, e esse amor nos transformou.

O evangelho terapêutico é um evangelho de meias verdades. Diz que somos amados por Deus em Cristo e, portanto, que fomos curados de nosso vazio. A verdade completa, porém, é muito melhor. Ela nos eleva do âmbito medíocre de nosso coração carente, nos transforma e nos separa para servir o Rei do amor.

Por meio de Cristo, você foi declarado santo. E, pela graça de Deus, é o que você será.

¹ Oprah Winfrey, “The O interview: Oprah talks to Phil Donahue,” O, The Oprah Magazine, Setembro de 2002, p. 214.

² Kevin DeYoung, *The hole in our holiness: filling the gap between gospel passion and the pursuit of godliness* (Wheaton: Crossway, 2012), p. 18 [edição em português: *Brecha em nossa santidade* (São José dos Campos: Fiel, s.d.)].

DIFERENTES, NÃO DESENHADOS “SOB MEDIDA”

Implicações para a vida comunitária da igreja

Você se lembra de quando não existiam os *jeans* de grife? Você ia à loja e comprava um par genérico de calças *de brim*, pois era o que havia disponível.

Essa realidade mudou na metade da década de 1970. Lembro-me de que, na escola, os outros alunos reparavam na etiqueta que aparecia no bolso de trás das calças *jeans*. As marcas se tornaram uma forma importante de dizer quem você era e a que grupo pertencia.

E, no entanto, o desejo de pertencer a um grupo não foi inventado na década de 1970. As marcas simplesmente nos deram um novo instrumento para fazer o que as pessoas vêm fazendo há milênios. De uma forma ou de outra, as pessoas vêm se dividindo pelo menos desde a Torre de Babel. Estar com outros “como nós” faz com que nos sintamos seguros, compreendidos e valorizados. Há menos conflitos quando somos todos iguais. Portanto, a sociedade se divide em classes. As classes se subdividem de acordo com estilos de vida. Em pouco tempo, os shows, a pista de boliche, a galeria de tiro e as igrejas se encheram de “gente como nós”.

Ao se fundamentarem nas teorias de crescimento da igreja propostas por missionários como Donald McGavran, líderes eclesiais do século 20 descobriram que podiam fazer suas igrejas crescerem de modo mais rápido se deixassem de lado a abordagem “tamanho único”.

Teve início, desse modo, o movimento das igrejas sob medida. Hoje em dia, existem igrejas específicas para quem nasceu no pós-guerra, para membros da geração X e para membros da geração Y. Temos igrejas com poltronas de cinema em bairros de classe alta e igrejas “descoladas” no centro da cidade que mais parecem clubes noturnos. Na maioria dos casos, o objetivo é fazer o ambiente parecer menos “eclesiástico”. Para esse fim, os programas refletem os interesses naturais do público-alvo. A equipe ministerial se veste como quem faz parte dessa cultura. E tudo indica que essa abordagem funciona. Todas as maiores igrejas nos Estados Unidos seguem esse princípio. Afinal, as afinidades se atraem. E, de fato, pássaros de mesma plumagem formam bandos.

Mas será que essa abordagem é cristã?

Na verdade, a doutrina bíblica da conversão ensina algo diferente. Ensina que cristãos e igrejas devem ser diferentes, mas não desenhados “sob medida”. Devemos ser separados do mundo, não moldados por ele. É o caráter singular da igreja que confere credibilidade à verdade de nossa mensagem.

Tendo em vista minhas origens fundamentalistas, faço questão de reconhecer que esse caráter exclusivo muitas vezes foi cultivado de maneiras equivocadas. Vestimos roupas diferentes, evitamos jogos de cartas e filmes, olhamos com desprezo para não cristãos e nos orgulhamos insensatamente de tudo isso como se fosse indicador de nossa santidade. No entanto, as Escrituras não estão interessadas em nosso estilo de vida e em nossas preferências, mas, sim, na qualidade de nossa vida e de nossos afetos. A doutrina da conversão significa que a igreja deve ser uma comunidade diferente.

UMA COMUNIDADE DIFERENTE

Ao longo de toda a Bíblia, Deus chama seu povo para ser diferente. Desde o Jardim e de Noé, passando pelo povo de Deus, no Egito e no deserto, e por Israel, na Terra Prometida, até Pedro, que descreve a igreja como “estrangeiros e exilados” (1Pe 2.11), as Escrituras chamam o povo de Deus a ter uma vida diferente, ao mesmo tempo que convidam as nações a juntar-se a ele. O Israel do Antigo Testamento desejou um rei para ser como as nações. A igreja de Corinto desejou mostrar quão

culturalmente relevante e moderna ela era com sua oratória rebuscada. Os evangélicos de hoje se preocupam se o mundo os considerará inteligentes, politicamente astutos e culturalmente sofisticados o suficiente.

As prioridades de Paulo, contudo, são outras:

Não vos coloqueis em jugo desigual com os incrédulos. Pois que sociedade a justiça tem com a injustiça? Que comunhão a luz tem com as trevas? Que harmonia Cristo tem com Belial? Que porção o crente compartilha com o incrédulo? E que acordo tem o templo de Deus com ídolos? Pois somos templo do Deus vivo; como Deus disse:

Habitarei no meio deles e andarei entre eles;
serei o seu Deus
e eles serão o meu povo.
Portanto, saí do meio deles
e separai-vos deles, diz o Senhor;
e não toqueis em nenhuma coisa impura;
então eu vos receberei,
serei para vós Pai,
e sereis para mim filhos e filhas,
diz o Senhor todo-poderoso.

Amados, visto que temos essas promessas, purifiquemo-nos de toda contaminação do corpo e do espírito, trazendo a santidade à completude no temor de Deus (2Co 6.14—7.1).

Paulo reuniu várias figuras que servem para demarcar de modo claro a linha entre a igreja e o mundo. A igreja local é uma “comunhão”, um “jugo” no qual são unidas pessoas que estão na “luz”, e não nas “trevas”, em “Cristo”, e não em “Belial”, “crentes”, e não “incrédulos”, caracterizados por “justiça”, e não “injustiça”.

Paulo não está falando de quem pode participar das reuniões da igreja. Está falando dos compromissos de aliança dos membros da igreja de Corinto uns com os outros e de como se identificam com Cristo e uns com os outros. Juntos, são “o templo de Deus”.

A igreja é um grupo de cristãos que se colocaram debaixo do mesmo jugo uns com os outros em Cristo (veja Mt 11.29,30). Não devem sair do mundo dos incrédulos, nem ser esquisitos como um fim em si mesmo. No entanto, os membros da igreja devem ser separados e diferentes no temor de Deus de forma identificável.

Como é fácil, porém, nos enganarmos e imaginarmos que nosso objetivo é ser relevantes e acessíveis quando, na verdade, buscamos

aprovação. Projetamos nossas igrejas de maneiras que atraíam uma multidão, mas, ao longo do caminho, contradizemos o poder e a mensagem do evangelho que pregamos. Revelamos em que confiamos de fato e deixamos que o mundo molde a igreja.

Em que aspectos nossas comunidades devem ser diferentes? De acordo com as Escrituras, a distinção deve consistir em vidas santas e amor abnegado.

VIDAS SANTAS

O apóstolo Pedro nos chama à santidade. Escreve: “Não vos amoldeis às paixões de sua ignorância de outrora, mas assim como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a sua conduta, pois está escrito: ‘Sereis santos, porque eu sou santo’” (1Pe 1.14-16). É isso que Deus requer daqueles que foram “resgatados” com o “sangue precioso de Cristo” (v. 18,19).

O que isso significa para a igreja local de modo comunitário? Significa que toda a comunidade deve ser radicalmente diferente da cultura ao redor, não apenas porque seguimos Jesus em nossa vida pessoal, mas porque levamos a sério o testemunho da comunidade. Entendemos que nossa vida não é mais nossa, que pertencemos uns aos outros porque pertencemos todos a Cristo. Não é de admirar que, adiante, Pedro nos descreva como “nação santa”, estrangeiros e exilados, e instrua: “Que vossa conduta entre os gentios seja honrosa, para que, quando falarem contra vós, como se fôsseis malfeitores, vejam vossas boas obras e glorifiquem a Deus no dia da visitação” (1Pe 2.9,11-12).

Levar a santidade a sério na igreja também significa praticar a disciplina eclesiástica que tem por objetivo a correção. Paulo, por exemplo, orienta a igreja de Corinto a expulsar de seu meio um homem que estava vivendo de uma forma que até o mundo considerava escandalosa (1Co 5). Quer que removam o homem da igreja para o bem dele (a fim de que se arrependa), para o bem das ovelhas mais fracas (a fim de que não sejam desencaminhadas) e para o bem do mundo lá fora (a fim de que creiam no poder de conversão do evangelho). Não quer que ninguém fique confuso a respeito do que significa ser cristão. Sabe que o problema não é o pecado. Cristãos verdadeiros pecam. O

problema é quando cristãos não se arrependem e, ao serem confrontados com sua transgressão, permanecem nela. Agir desse modo é absolutamente incoerente com a asserção de ser seguidor de Cristo. Paulo sabe que está em jogo a credibilidade de toda a mensagem da igreja.

Por vezes, o amor precisa dizer coisas difíceis. Não podemos afirmar que conhecemos o coração, mas podemos ajudar uns aos outros a lutar pela santidade ao tratar dos casos de pecado sem arrependimento. Em geral fazemos isso por meio da correção pessoal, de vez em quando pela admoestação em público e, muito raramente, pela exclusão da pessoa da ceia do Senhor e da membresia por pecado impenitente e contumaz. A disciplina eclesiástica bíblica não é legalista nem julgadora. É feita com amor por aquele que é confrontado e também pelo mundo que observa e precisa entender que, por meio do evangelho, Jesus Cristo verdadeiramente transforma nossa vida.

AMOR ABNEGADO

Por fim, nossas igrejas devem ser comunidades diferentes ao serem comunidades que amam. Jesus disse: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, deveis amar uns aos outros. Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13.34-35).

Jesus diz que nosso testemunho depende de amar uns aos outros como ele nos amou. Mas como ele nos amou? Indo para a cruz. Como devemos amar uns aos outros? Perdoando uns aos outros e entregando a vida uns pelos outros.

À medida que a história do evangelho se desdobra em Atos, descobrimos que esse amor mútuo em Cristo não é apenas para os compatriotas judeus cristãos. O amor de Cristo também se estende aos gentios. Mais adiante, Paulo observa que, por meio do amor e da união de judeus e gentios como uma nova humanidade por intermédio do evangelho, a sabedoria, a graça e o poder extraordinários de Deus são manifestos para o Universo (Ef 3.10).

Afinal, não é preciso sabedoria e poder de Deus para amar pessoas parecidas conosco. Isso é fácil. Jesus observa que até mesmo os

coletores de impostos têm amigos (Mt 5.46). Cristo, porém, nos amou enquanto ainda éramos seus inimigos. E amar como Cristo amou significa amar aqueles que são radicalmente diferentes de nós, o que requer o poder do evangelho.

Tempos atrás, nossa igreja batizou um professor universitário de arte esteticamente sofisticado. Professores de arte não são exatamente típicos de nosso segmento da população, constituído em sua maior parte de operários e outros trabalhadores. Em sua entrevista para se tornar membro, perguntei por que ele havia escolhido nossa igreja. Ele reconheceu que, em alguns aspectos, percebia certo distanciamento cultural. No entanto, visto que tinha acabado de se tornar cristão, sabia que não precisava de pessoas exatamente iguais a ele. Tinha convivido com gente desse tipo a vida toda. Precisava de pessoas com as quais tivesse Cristo como denominador comum, que o amassem por esse motivo, e nenhum outro.

Por causa de Cristo, tenho mais em comum com a viúva aposentada em minha igreja que com um pai não cristão de minha idade, que gosta de fazer trilhas e acampar, como eu. Por causa de Cristo, um empresário jovem branco tem mais em comum com uma moça índia de sua igreja que com um membro não cristão de seu Rotary Club. Para o mundo, essa dinâmica parece loucura, mas é verdade. E a única maneira de explicá-la é o evangelho de Jesus Cristo, que nos torna um só.

A união repleta de amor que compartilhamos no evangelho é a diferença fundamental entre um clube e uma igreja, e o motivo pelo qual não devemos criar igrejas “desenhadas sob medida” para que se pareçam com clubes. Clubes, grupos de afinidade e igrejas sob medida são lugares em que “gente como nós” se reúne para desfrutar o que tem em comum. Numa igreja de verdade, porém, não precisamos ter nada em comum além de Cristo a fim de amar uns aos outros de modo radical.

Como isso acontece na prática? Essa realidade se manifesta em igrejas que se esforçam para acolher estudantes internacionais e imigrantes. Manifesta-se também em igrejas brancas, com membros de renda elevada, que ajudam igrejas de grupos étnicos de menor renda e aprendem com elas. Manifesta-se na plantação de igrejas com recursos de nosso bolso, em vez de aumentar o número de congregações e serviços para benefício próprio. Manifesta-se em um pequeno grupo de

rapazes solteiros que, numa sexta-feira à noite, visita uma senhora idosa da igreja que sofreu um derrame, a fim de cantar hinos para ela e animá-la. Esse fato ocorreu em minha igreja. A enfermeira perguntou se a senhora era famosa, por causa do grande número de visitantes. Um dos rapazes respondeu: “Não, ela não é famosa. É membro de nossa igreja”.

É comparativamente fácil atrair pessoas de determinada geração ou de determinado grupo se sua igreja é voltada especificamente para essa geração ou grupo. Também é possível ter vários cultos de estilos diferentes para que todos encontrem sua “turma”. Mas essa não é a finalidade dos clubes? Quem precisa do poder do evangelho para isso?

O poder e a verdade do evangelho são demonstrados quando as igrejas vivem de forma diferente (ao buscar santidade), amam de forma diferente (ao perdoar os inimigos) e têm uma aparência diferente (com várias etnias, gerações e níveis econômicos). Damos testemunho de Jesus e de suas boas-novas quando nossa comunidade de amor transpõe barreiras e cresce de uma maneira que o mundo não espera — uma comunidade que só pode ser explicada pelo evangelho que transforma vidas.

CONVOQUE, NÃO CONVENÇA

Implicações para o evangelismo

Em 1892, foi inaugurada em Chicago a elegante e imponente loja de departamentos Marshall Field & Company. A cada manhã, o fundador, que dava nome à loja, percorria os departamentos para certificar-se de que tudo estava correndo como devia. Certa manhã, ele viu um dos gerentes discutir com uma cliente. Perguntou ao gerente: “O que está fazendo aqui?”. O gerente respondeu: “Estou resolvendo uma reclamação”. Field retrucou de pronto: “Não está, não. Dê à senhora o que ela quer”.¹

No mercado livre emergente dos Estados Unidos, Field foi um dos primeiros a perceber que o cliente era rei. Antes disso, o ditado *caveat emptor* (“comprador, tome cuidado”) definia a relação entre comprador e vendedor. No final do século 19, porém, um novo princípio começou a impelir a fantástica expansão da prosperidade americana: “O cliente sempre tem razão”.

No século 20, a publicidade alcançou maturidade, e as vendas foram transformadas. Seu enfoque passou a ser menos sobre o produto (Automóvel Modelo T: “Qualidade de alto preço em um carro de baixo preço”) e mais sobre o consumidor, seus desejos e até mesmo sua percepção de identidade (“Não é o Oldsmobile de seu pai”). Na década de 1960, por exemplo, a Pepsi começou a explorar o chamado abismo de gerações ao afirmar que seus produtos eram para a “Geração Pepsi”. Mais adiante, essa abordagem se tornou conhecida como marketing de estilo de vida.

Não me surpreende, portanto, que essas estratégias voltadas para o consumidor tenham transbordado do âmbito comercial para o âmbito religioso. Na segunda metade do século 20, as pessoas se preocupavam menos com “salvação” ou “perdão”. Sentiam outras necessidades: felicidade, propósito, realização, libertação dos vícios e satisfação na vida sexual. Em resposta a esse quadro, a igreja ofereceu o evangelismo das “necessidades sentidas”. Não se trata de mudar o evangelho, mas de anunciá-lo como algo que dá às pessoas o que elas desejam, como realização e liberdade, em vez de enfatizar o que não desejam, como perdão. Um evangélico bastante conhecido descreveu o raciocínio por trás dessa ideia: “É minha convicção profunda que qualquer um pode ser ganho para Cristo caso se descubra a chave para seu coração [...] por vezes, é difícil descobri-la. Contudo, as necessidades sentidas são o ponto de partida mais provável”.²

Pelo menos nos Estados Unidos essa abordagem funciona. Igrejas estão cheias de pessoas salvas de uma vida sem propósito e sem realização. Mas será que foram salvas de Deus e de seu julgamento?

A doutrina bíblica da conversão tem sérias implicações para nossa abordagem ao evangelismo. Se a conversão é resultado da obra divina de nos dar um novo coração que se arrepende e crê no evangelho, então evangelismo não é um método de venda. Não se trata de identificar necessidades percebidas e adaptar o evangelho a elas como se fosse um produto. O que pensaríamos de um embaixador enviado pelo presidente para advertir uma nação hostil, mas que só enfatiza aquilo que, em seu parecer, a nação hostil deseja ouvir? Evangelizar é comunicar fielmente uma mensagem de Deus investida de autoridade, que nos adverte sobre nossa necessidade extremamente real, quer a sintamos, quer não. E é uma mensagem que, de modo extraordinário, converte pecadores como você e eu pelo poder do Espírito Santo.

Portanto, não devemos perguntar como realizar a venda, mas, sim, como transmitir a mensagem. O desafio não é a técnica, mas a fidelidade e a clareza. Poucas passagens tratam dessas questões melhor que 2Coríntios 4, em que Paulo descreve seu modo de evangelizar.

COMUNICAR COM CLAREZA

Para começar, precisamos comunicar a mensagem do evangelho com clareza. Paulo escreve:

Repudiamos procedimentos vergonhosos e secretos, Recusamo-nos a usar de astúcia ou distorcer a palavra de Deus, mas pela declaração pública da verdade, recomendamos-nos à consciência de todos aos olhos de Deus (2Co 4.2).

O evangelho tem um *conteúdo* definido. Portanto, para Paulo, o evangelismo bem-sucedido é uma “declaração pública da verdade” ou, como traz a NIV, é “expor a verdade claramente”. Evangelizar com sucesso não é levar as pessoas a reagir de modo favorável. Se fosse, Paulo teria sido tentado a recorrer a “procedimentos vergonhosos e secretos”. Poderia ter usado de “astúcia” ou procurado “distorcer a palavra de Deus”, ajustando sua pregação para dar às pessoas aquilo que desejavam ouvir e, com isso, aumentar a probabilidade de sucesso. No entanto, Paulo diz que repudiou tudo isso.

Ademais, se o evangelismo bem-sucedido consiste em expor a verdade claramente, de nada adianta dizer, como por vezes ouvimos: “Pregue o evangelho a todo tempo. Se necessário, use palavras”. Ao que parece, tanto Deus como Paulo acreditavam que, para compartilhar as boas-novas, era necessário usar palavras.

Isso não significa que existe apenas uma forma de transmitir a mensagem com palavras. Os tópicos Deus, Homem, Cristo e Resposta me ajudam a lembrar do conteúdo, mas existem outras maneiras de resumi-lo. Não obstante o modo como esse conteúdo é organizado, precisa ser comunicado.

O evangelho não é apenas “Deus ama você” ou “Jesus lhe dará propósito”. Não é a promessa de um casamento feliz, sucesso no trabalho ou de filhos bem-sucedidos. Ele pode ajudar, mas não oferece garantias. O cerne do evangelho é que Jesus morreu e ressuscitou como substituto pelos pecadores, aplacou a ira justa de Deus e nos reconciliou com ele.

Quando anunciamos os benefícios do evangelho para as necessidades que julgamos ter e deixamos de fora seu conteúdo fundamental, não estamos realizando evangelismo bíblico, mas algo aquém. Quem não quer paz, contentamento e uma vida familiar melhor? Para aceitar essa oferta, a obra regeneradora do Espírito Santo não é necessária. George

Barna realizou uma pesquisa com indivíduos nascidos entre 1940 e 1960 que frequentam alguma igreja e observou o que o evangelismo voltado para as necessidades sentidas oferecia a esses consumidores.

Em troca do “reconhecimento, feito uma só vez, de que eram imperfeitos e fracos”, recebiam “paz permanente com Deus”. Em resultado, “milhões de membros dessa geração oraram, pediram perdão e prosseguiram com a vida sem praticamente nenhuma mudança [...] Viram-na como uma negociação na qual podiam tirar proveito de Deus e conseguir o que desejavam sem abrir mão de nada que fosse importante”³

Uma doutrina correta de conversão nos ensina a transmitir as boas-novas com clareza.

COMUNICAR COM HONESTIDADE

Nossa comunicação deve ser honesta, ou seja, deve mostrar que é necessário avaliar o custo. Paulo se refere a esse custo no capítulo seguinte de 2Coríntios: Cristo “morreu por todos para que aqueles que vivam não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2Co 15.5). E Paulo aprendeu de Jesus: “Quem quiser salvar sua vida, a perderá; mas quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, a salvará” (Mc 8.35; veja tb. Mt 16.24).

Se, em vez de pedir às pessoas que avaliem o custo, vendemos os benefícios para suas necessidades percebidas, criamos uma situação propícia para que fracassem quando vierem sofrimentos e provações. O que acontece com sua fé em Cristo quando mães jovens falecem, os filhos se rebelam ou ocorrem demissões?

Conversões verdadeiras, caracterizadas por arrependimento e dadas por Deus, suportam o sofrimento. Estimam Cristo, e não apenas seus benefícios calculados. Será que David Brainerd, que deixou uma vida promissora em Boston no período colonial para levar o evangelho a índios americanos, obra em que morreu de tuberculose, se arrependeu de sua decisão? Será que Adoniram Judson, que perdeu a esposa e os filhos quando era missionário na Birmânia, pensou ter cometido um erro? Será que William Wilberforce, que, por lutar contra o comércio de escravos, sacrificou a oportunidade de ser primeiro-ministro britânico, lamentou sua escolha? Não. O testemunho deles foi o mesmo de Paulo:

“Essa aflição leve e passageira está preparando para nós um eterno peso de glória acima de toda comparação” (2Co 4.17).

E, no entanto, nossa mentalidade de marketing demora a incluir o custo do discipulado ao evangelizar. Temos medo de dizer toda a verdade a respeito de seguir Jesus e, por isso, vendemos as glórias secundárias. A verdade é que Jesus dá a seus seguidores uma vida cheia de realizações, mas é a realização de saber que nossa vida não nos pertence mais e a realização de viver para a glória de Deus.

Precisamos proclamar o evangelho *com honestidade*.

COMUNICAR COM URGÊNCIA

O evangelismo bíblico também comunica a mensagem com urgência. Considere a urgência de Paulo: “Portanto, somos embaixadores de Cristo, e Deus faz seu apelo por nosso intermédio. suplicamos-vos por Cristo que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5.20).

O evangelho exige uma resposta. Vida e morte estão em jogo. Logo, Paulo implora para que seus ouvintes se reconciliem com Deus. Não se trata de um evangelismo da moda, impassível e indiferente, do tipo “e aí, o que você acha?”. É enérgico, vulnerável, sincero, transparente e urgente.

Isso não significa que Paulo seja indelicado, importuno ou manipulador. Como observamos, ele repudiou procedimentos vergonhosos. Trabalhava para remover pedras de tropeço (Rm 14.13; 1Co 8.9) e mostrava consideração quanto à forma de abordar diferentes grupos (1Co 9.20-23). Uma atitude enérgica e urgente não precisa ser agressiva ou importuna. No entanto, significa que ele pregava “como um moribundo para outros moribundos”, nas palavras famosas do puritano Richard Baxter.

Que diferença em relação a muitos de nós em nossa cultura pós-moderna! Procuramos tornar nossa mensagem a mais discreta possível, como se estivéssemos falando de uma escolha de estilo de vida. Mas falar sobre uma questão de vida ou morte como se fosse uma escolha desse tipo não estaria comunicando a nossos ouvintes que, na verdade, não cremos que seguir a Cristo seja uma questão de vida ou morte? Afinal, o meio é a mensagem.

Ao proclamarmos o evangelho, precisamos instar as pessoas a se arrepender e crer hoje. A vida é uma névoa, e não sabemos quando chegará ao fim. Por isso a Bíblia diz que “hoje” é o dia de nos arrependermos se ouvirmos a voz de Deus (Hb 4.7).

Somos embaixadores com a mensagem de um rei, e não vendedores cujo objetivo é atrair consumidores. Nosso apelo precisa ser urgente.

COMUNICAR COM CONFIANÇA

Por fim, a mensagem do evangelho é poderosa. Não precisa de nossa ajuda. Portanto, nosso evangelismo pode ser confiante.

Paulo sabe que nem todos que ouvem sua mensagem se tornam cristãos. Mas será que a culpa é do seu método, ou da mensagem? Nenhum dos dois. O problema é a cegueira espiritual dos incrédulos.

Mesmo que nosso evangelho esteja encoberto, é para os que estão perecendo que está encoberto. No caso deles, o deus deste mundo cegou a mente dos incrédulos, para impedi-los de ver a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus (2Co 4.3,4).

O pecado e nosso coração corrompido nos impedem de enxergar a verdade. A cegueira é obstinada.

De que maneira Paulo transpõe esse obstáculo? Não é com um método ou com uma mensagem melhor. Ele sabe que essa é uma obra que Deus precisa realizar:

Pois não proclamamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo como Senhor, e a nós como vossos servos por causa de Jesus. Porque Deus, que disse: “Das trevas brilhará a luz”, brilhou em nosso coração para conceder a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.

Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que o poder extraordinário é de Deus, e não nosso (2Co 4.5-7).

O mesmo Deus que com uma palavra criou a luz física também com uma palavra faz brilhar a luz espiritual nas trevas da incredulidade. Fica evidente, desse modo, “que o poder extraordinário é de Deus, e não nosso”. Paulo proclama o evangelho confiantemente. Sabe que Deus faz seu apelo por meio dele e que as palavras de Deus criam vida e luz onde há morte e escuridão.

Por que não compartilhamos o evangelho com mais frequência? Para muitos, creio que é por medo e desânimo. Temos medo de ser rejeitados

e desanimamos de pensar que as pessoas não atenderão. Em contrapartida, alguns se orgulham de seu evangelismo e dos convertidos que fizeram. Contudo, tanto os tímidos quanto os orgulhosos se esquecem de que somente Deus fala com o poder que criou o Universo. Confundimos quem é responsável pelo evangelismo com quem é responsável pelos frutos do evangelismo. Ao fazê-lo, erramos em uma de duas direções: desistimos ou nos tornamos simples pragmáticos que fazem de tudo para obter resultados. Em pouco tempo, nos envolvemos com os artifícios e a manipulação que Paulo repudiou e criamos falsos convertidos.

Cabe a nós proclamar a mensagem de modo claro, honesto, urgente e confiante. Cabe a Deus salvar e converter. Reconhecer esse fato muda a forma de medirmos o sucesso. Para *nós* sucesso não depende de resultados ou números. Depende de nossa fidelidade. Você e eu não somos responsáveis pelos resultados e, portanto, não precisamos fazer pressão nem manipular. Não estamos tentando fechar um negócio, que, como é necessário repetir, cria falsos convertidos. Antes, temos liberdade de amar, instar e até mesmo implorar com palavras de advertência e palavras de paz.

Evangelismo é isto: o chamado amoroso de Deus aos pecadores. Somos os embaixadores, os porta-vozes que transmitem a mensagem. E a mensagem é clara: “Reconciliai-vos com Deus. Ele tornou pecado por nós aquele que não conhecia pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2Co 5.20,21). Cristão, alguém lhe anunciou essa mensagem. Com quem você pode compartilhá-la?

¹ Lloyd Wendt, *Give the lady what she wants! The story of Marshall Field & Company* (New York: Rand McNally, 1952), p. 223.

² Rick Warren, *The purpose driven church* (Grand Rapids: Zondervan, 1995), p. 219 [edição em português: *Uma vida com propósitos* (São Paulo: Vida, s.d.)].

³ Citado em David Wells, *Above all earthly pow'rs: Christ in a post-modern world* (Grand Rapids: Eerdmans, 2005), p. 302.

AVALIE ANTES DE ASSEGURAR

Implicações para o ministério

Quase vinte anos atrás, minha família se mudou para a Inglaterra, onde fiz um curso de pós-graduação. Foram anos extremamente importantes, mas já faz tanto tempo, e tantas coisas aconteceram depois disso que por vezes me pergunto se aconteceram de fato. Nessas horas, posso olhar para o pedaço de papel emoldurado e pendurado na parede e ver a prova: um diploma. Sim, aconteceu. O certificado na moldura exerce uma função semelhante à de nossas fotografias como prova da ocorrência de algo que não desejamos esquecer.

Por vezes, queremos uma garantia não porque temos medo de esquecer, mas porque a questão é extremamente importante. O departamento de imigração não aceita apenas minha palavra de que sou cidadão deste país. Exige uma comprovação, um passaporte. Qualquer um pode dizer que é médico ou advogado, mas prefiro ver o diploma na parede. É mais uma evidência de legitimidade.

Algumas questões são ainda mais importantes, porém mais difíceis de ser provadas. Sou amado? Sou relevante? E, para o cristão, não há pergunta mais fundamental que “Será que eu creio?”. Nosso destino eterno depende da resposta. Onde encontrar a prova?

DEFINIÇÃO DA PERGUNTA

No capítulo 3, mencionei de passagem o tema da segurança da salvação e a “conversão exemplar” dos tessalonicenses. Gostaria de tratar dessas

questões com mais detalhes e oferecer conselhos práticos sobre como nossas igrejas podem, com cautela, dar garantias prudentes e bíblicas.

O tema da garantia não diz respeito à pergunta do cético “O cristianismo é verdadeiro?”, mas, sim, à pergunta do cristão professo “Será que *eu* creio?”. Não está em questão a verdade, mas a autenticidade e a credibilidade.

É uma pergunta razoável para todos os que afirmam ser cristãos. Todos os dias, pensamos e fazemos coisas que colocam em dúvida a credibilidade de nossa profissão de fé. Cedemos a desejos pecaminosos. Agimos como se Deus estivesse irado conosco. Fazemos o bem com orgulho, imaginando que melhorará nossa condição perante Deus. Diante de todas essas evidências contrárias, onde encontramos garantia de que somos crentes, e de que não estamos apenas nos iludindo?

Em última análise, recebemos verdadeira garantia ao olhar para Cristo, e não para sinais da graça em nossa vida. Ainda assim, a Bíblia nos instrui a examinar as evidências. “Examinai a vós mesmos para ver se estais na fé” (2Co 13.5). E nossas igrejas nos ajudam nisso. Quando esse exame é realizado de modo criterioso, incomoda os que se iludem e conforta os que duvidam de si mesmos. É importante, contudo, ler este capítulo junto com o seguinte, que apresenta o outro lado da moeda: por um lado, devemos nos examinar; em contrapartida, devemos dar uns aos outros o benefício da dúvida.

Onde o cristão encontra a segurança da salvação? Exploremos duas possíveis respostas.

É ALGO QUE EU DISSE?

No capítulo 3, mencionei que trabalhei com uma organização conhecida em um grande evento de evangelismo. Recebemos treinamento para dirigir as pessoas em uma oração simples de confissão e fé para, em seguida, lhes garantir que estavam salvas e lhes dar como prova um cartão com a data de sua conversão.

Hoje em dia, a fonte principal na qual os cristãos buscam garantia de que sua fé é autêntica é uma declaração feita no passado. Você orou? Confessou seus pecados? Então você é cristão! Foi o que aprendi quando criança. E ouvi muitos outros dizerem o mesmo.

Não é difícil identificar o motivo aparentemente bíblico para encontrar garantia em algo que dissemos. O apóstolo Paulo escreveu: “Se confessarem com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Rm 10.9). De fato, nossas boas obras não nos salvam; somos salvos pela fé, uma fé que confessamos com nossos lábios.

Mas o que é fé? Uma oração e uma confissão? Aqui, as palavras de Paulo aos tessalonicenses são bastante proveitosas. O apóstolo diz que a fé dos tessalonicenses se tornou “exemplo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia” (1Ts 1.7). E prossegue: “Vossa fé em Deus foi divulgada em toda parte [...] Pois eles [...] relatam [...] de que forma vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro e para esperardes do céu seu Filho” (1Ts 1.8-10). Paulo não aponta para uma oração que fizeram, mas para a confiança viva que demonstram.

A fé autêntica tem três aspectos. Primeiro, há *conhecimento*. Não é possível crer em algo que não se conhece. Segundo, há *anuência*. Não basta conhecer a asserção de que Jesus viveu, morreu como substituto e ressuscitou dos mortos. É preciso concordar com ela. Mas, terceiro, também há *confiança* pessoal. Não basta saber que cadeiras são feitas para sentar-se e concordar com esse fato. Ter fé significa sentar-se e confiar seu peso à cadeira. Os demônios conhecem a verdade a respeito de Jesus e concordam com ela. No entanto, não confiam em Jesus (Tg 2.17-19).

Os tessalonicenses não apenas fizeram uma oração. Confiaram ativamente em Deus no evangelho. Paulo diz que sua fé os levou a se converterem “dos ídolos a Deus” (isto é, arrependimento) para servirem “ao Deus vivo e verdadeiro e para [esperar] seu Filho do céu” (isto é, confiança). Tinham uma esperança viva, e não uma fé histórica.

Quando buscamos garantia em algo que dissemos no passado, duas coisas ocorrem: asseguramos às pessoas que são salvas quando, na verdade, talvez não sejam, e criamos uma situação em que aqueles que são salvos jamais encontram a garantia de que precisam. Afinal, o que acontece se não fiz a oração exatamente como deveria ter feito ou se não fui sincero o suficiente? E se estava apenas preenchendo as expectativas de outros? E se, e se, e se...? Convivi com essas dúvidas durante anos.

Em vez de ter certeza de minha fé, continuei a orar repetidamente, na esperança de que *dessa vez* funcionaria.

Se a garantia não se encontra em algo que dissemos no passado, onde está?

É ALGO QUE VOCÊ VÊ?

Supondo que você professe Cristo, a garantia se encontra naquilo que outros veem em você. Paulo agradece a Deus pelas evidências da graça que mostram que os tessalonicenses são crentes verdadeiros. Ele tem certeza, e deseja que os tessalonicenses tenham também.

Podemos organizar suas observações em três categorias. Primeiro, ele destaca *evidências da obra regeneradora do Espírito Santo*:

Sempre agradecemos a Deus por todos vós [...] lembramo-nos [...] de vossa obra de fé, do trabalho de vosso amor e da firmeza de vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo. Pois sabemos [...] que ele vos escolheu, porque nosso evangelho chegou até vós não somente em palavras, mas também em poder, no Espírito Santo e com plena convicção (1Ts 1.2-5).

Paulo destaca a fé, a esperança e o amor dos tessalonicenses por Deus, bem como o poder do Espírito e a plena convicção. No versículo 6, menciona a alegria do Espírito. Sem dúvida, não cristãos amam e agem com alegria. No entanto, Paulo identifica algo diferente aqui, uma semelhança familiar com seu pai celeste. É como a reação das pessoas às fotos de meus filhos: “Puxa! São a cara da família Lawrence!”. Da mesma forma, a fé, a esperança e o amor dos tessalonicenses mostram que nasceram de Deus.

Segundo, Paulo observa sua *presente confiança ativa*. Escreve:

E vos tornastes nossos imitadores e do Senhor, pois recebestes a palavra em meio a muita aflição, com a alegria do Espírito Santo [...] Pois, não apenas a palavra do Senhor repercutiu de vocês... (1Ts 1.6,8).

Acolheram a mensagem apesar de suas aflições. Compartilharam o evangelho. E a referência do versículo 3 à “firmeza de [sua] esperança” deixa implícito que a oposição sofrida pelos tessalonicenses não havia cessado. Não se trata de uma fé histórica, de uma oração feita no ano passado. É algo visível no presente.

Terceiro, Paulo destaca um *modelo de crescimento*. Eles imitam Paulo (1Ts 1.6). Outros “relatam” o mesmo (v. 9). Sua fé não foi fogo de palha. Continua “[fundamentada] e firme, sem [se] afastar da esperança do evangelho” (Cl 1.23).

Dar garantia é um projeto que cabe à comunidade. Paulo e outros relatam o que viram e incentivam os tessalonicenses conforme essa realidade.

Quando percebemos que a garantia não depende apenas daquilo que *eu* disse, mas daquilo que *você* vê em mim, algo surpreendente acontece. Paro de olhar para mim mesmo e o convido a olhar para mim. E, por minha vez, olho para você. O propósito da vida cristã e da igreja deixa de ser o propósito de dar garantias a mim e passa a ser o de dar garantias a você. De repente, a igreja local se torna um presente extraordinário de Deus para nos incentivar e nos ajudar. Não é mais um lugar para se exibir e se orgulhar, mas um lugar para destacar as evidências da obra do Espírito na vida uns dos outros, uma cooperativa de garantias de fé.

SERÁ QUE EU CREIO? DIGA-ME, POR FAVOR

Eis oito maneiras pelas quais podemos ajudar uns aos outros na igreja local a responder a pergunta “Será que eu creio?”

Primeiro, desacelere o processo de aceitação de membros. Não deve ser difícil tornar-se membro de uma igreja, mas, ao contrário das igrejas de minha infância e juventude, não deve ser possível tornar-se membro no primeiro domingo que você a visita. Institua um processo. Ele pode incluir um almoço para os recém-chegados, uma classe para quem deseja se tornar membro e uma entrevista com o pastor. Se sua igreja tem vários presbíteros, deixe que façam as entrevistas e recomendem os candidatos a membros. Se sua igreja é congregacional, vote a respeito dos novos membros em assembleias que, geralmente, acontecem apenas quatro a seis vezes por ano. Desse modo, não apenas os candidatos a membros terão tempo de conhecer a igreja, mas a igreja terá tempo de conhecer os candidatos e observar evidências da obra do Espírito Santo em sua vida. (Não sou fã de períodos de experiência.)

Segundo, providencie para que pastores ou presbíteros realizem as entrevistas com os candidatos. Eles são os pastores do rebanho, responsáveis por ficar à porta do aprisco. O objetivo da entrevista não é testar as pessoas quanto a conhecimentos bíblicos arcanos ou questões profundas de teologia, mas, sim, separar tempo para ouvir sua história em um ambiente seguro. As informações colhidas depois dos cultos no corredor da igreja são limitadas. O objetivo é entender o que aconteceu na vida da pessoa, como Jesus a transformou e continua a transformá-la e ouvir sua esperança no evangelho. Então, quando o presbítero recomendar à igreja que alguém se torne membro, essa recomendação terá peso.

Terceiro, reveja suas práticas de batismo e da ceia do Senhor. Não faça batismos espontâneos. Antes, mantenha o batismo e a membresia ligados um ao outro, como no Novo Testamento. Exceto em casos de trabalho missionário, como com o eunuco etíope, os apóstolos não tinham uma categoria para cristãos batizados que não participavam de uma igreja local. Reserve tempo no culto principal para ouvir testemunhos de batismo, não de orações feitas, mas de vidas transformadas. Quanto à ceia do Senhor, não diga que “a mesa é para todos”. Explique quem deve participar da ceia: membros batizados de igrejas locais que pregam o evangelho. Essa é a ideia de “proteger a mesa”. Na semana antes da ceia, incentive os membros a examinarem seu coração e seus relacionamentos. E, embora seja mais rápido cada um se servir, organize a ceia de modo que os membros sirvam uns aos outros e tomem juntos os elementos. Não tomamos a ceia do Senhor conforme nos parece melhor, como se a igreja fosse uma máquina de venda automática. Tomamos a ceia juntos, dizendo: “Vejo que você crê e, portanto, pertence a esta comunidade”. Ou, nas palavras de Paulo: “Visto que há somente um pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos do mesmo pão” (1Co 10.17).

Quarto, precisamos ter um cuidado especial ao dar garantias a crianças a respeito de sua fé. Uma garantia precoce ou infundada pode agir como uma vacina contra a fé verdadeira. Convide as crianças a crer. Ensine-as e edifique-as na fé. Quando expressarem fé verdadeira, celebre. Lembre-se, porém, de que a verdadeira prova de fé é a confiança, que precisa de tempo e oportunidade para se evidenciar. Não

há uma idade definida para que isso aconteça. Para alguns, a confiança verdadeira se manifesta cedo. Para outros, pode levar mais tempo. Um adiamento não diz respeito à possibilidade da regeneração de uma criança, mas à capacidade da igreja de confirmar sua fé com convicção.

Quinto, torne a membresia algo significativo. Ela não é uma lista de nomes de pessoas que, em algum momento, se ligaram a sua igreja. É uma rede atual de relacionamentos públicos que envolvem prestação de contas. Ajudamos uns aos outros a saber que cremos ao participar dos cultos públicos da igreja com regularidade e ao edificar a vida uns dos outros. Se você não está presente e envolvido, edificando sua vida na igreja, como pode ajudar outros a saber que creem, e como eles podem ajudá-lo?

Sexto, pratique a disciplina eclesiástica. Ela não significa que você não gosta de alguém ou que está bravo com alguém. Não significa que alguém cometeu demais um erro, ou que algumas pessoas são melhores que outras. Não significa que alguém vai para o inferno. Disciplina eclesiástica significa que você não tem mais as evidências necessárias para garantir a uma pessoa que ela crê. Pode ser resultado de pecado recorrente sem arrependimento. Mas também pode acontecer porque alguns se distanciaram da igreja, de modo que ela não tem mais conhecimento sobre a vida deles. Independentemente do motivo, a disciplina eclesiástica é um ato de amor. Todos podemos nos enganar a respeito de nós mesmos. A disciplina eclesiástica significa que a congregação não consolará a si mesma nem a qualquer outra pessoa falsamente ao dizer: “Pelo menos ele fez uma oração aceitando a Cristo quando era criança”. Antes, por amor, a igreja não se satisfaz com a fé histórica, e também não deixa que você se satisfaça com ela.

Sétimo, faça do evangelho seu primeiro recurso ao aconselhar e discipular. O evangelho é para os cristãos, pois ele não apenas nos converte, mas também produz em nós mudanças duradouras. Confronte o pecado, a fim de não correr o risco de fazer as pessoas sentirem mais à vontade no caminho para o inferno. Porém, não confronte com palavras como: “Coloque a vida em ordem e se esforce mais; vou lhe dar algumas dicas e macetes”. Antes, chamem um ao outro à fé e ao arrependimento renovados, de modo a provar um ao outro que creem.

Oito, lembre-se de que o encorajamento é muito mais importante nos relacionamentos que a prestação de contas. Quando vir uma irmã ou um irmão amado vivendo de modo incoerente com a fé, fale com mansidão e amor para corrigir, exortar ou mesmo repreender. Mais importante ainda, porém, quando observar fé, esperança e amor, destaque essas características sem demora. Por vezes, é difícil darmos garantias a nós mesmos a respeito de nossa fé. Nossos pecados estão sempre diante de nós, encobrendo a visão. Nossa perspectiva muitas vezes é dominada pelas falhas do presente e pelo pecado que nos pressiona. Nessas horas, precisamos que outra pessoa olhe para nós e chame nossa atenção para o crescimento de longo prazo, a confiança presente e o fruto do Espírito que, muitas vezes, não conseguimos enxergar em nós mesmos.

Será que eu creio? Será que você crê? Tantos crentes procuram levar a vida cristã por sua própria conta. Tantas igrejas praticam um cristianismo diluído, de consumo, que nos deixa sozinhos e torna difícil responder a essa pergunta. Louvado seja Deus pelas igrejas locais saudáveis, pois nenhum de nós é capaz de empreender essa jornada sozinho. Preciso saber se creio ou se estou me iludindo. E você também. Isso significa que precisamos da igreja.

CARIDOSOS, NÃO CUIDADOSOS

O perigo de uma igreja excessivamente pura

Dois poetas conhecidos refletem sobre a natureza da interação humana:

Nenhum homem é uma ilha,
isolado em si mesmo;
cada um é parte de um continente,
de um todo (John Donne, 1624).

Sou uma rocha,
sou uma ilha.
Uma rocha não sente dor,
e uma ilha nunca chora
(Paul Simon, 1965).

Entre esses dois poetas se encontra uma das grandes tensões emocionais de nossa vida. Fomos feitos para estar em comunidade. Não podemos viver sozinhos. E, no entanto, o ingresso em uma comunidade implica o risco de sofrer dor profunda, rejeição e exclusão. Talvez, no fim das contas, seja mais fácil ser uma ilha.

Essa tensão começa cedo, na escola ou com seu time, na hora de praticar um esporte. Intensifica-se na faculdade. Manifesta-se no trabalho, que, por sua vez, se assemelha mais ao ensino médio do que gostaríamos de admitir, com panelinhas e excluídos. Parece que nunca amadurecemos a ponto de deixar para trás o anseio ou a pergunta: “Será que faço parte do grupo?”

E temos a igreja. “Será que faço parte dela?”. No evangelho, descobrimos que Deus nos aceita por meio de Jesus Cristo. Mas e quanto ao povo de Deus? Ele me aceita?

DEFINIÇÃO DA PERGUNTA

Muitos cristãos entram numa igreja e perguntam: “Eu me sinto bem aqui?”. Cientes disso, muitas igrejas se estruturam em torno de algo que faça seu público-alvo sentir-se à vontade, como etnia, nível acadêmico ou socioeconômico, idade ou cultura, entre outras coisas.

Uma igreja acessível e acolhedora é louvável, mas essa abordagem tem um problema. Para começar, ninguém parece ter como público-alvo os feios, malquistos e marginalizados. E o que dizer das advertências de Tiago acerca do favoritismo (Tg 2.1-5)? Elas não se aplicam caso o objetivo da igreja seja crescimento e evangelismo?

Os não cristãos não perguntam: “Eu me sinto bem aqui?”. Eles têm vários lugares nos quais se sentem bem. Antes, o que desperta a curiosidade de muitos não cristãos é a ideia de uma comunidade autêntica. Eles também querem se sentir aceitos. Aliás, há toda uma filosofia de ministério que incentiva pastores a atrair não cristãos levando-os a se sentir aceitos antes de crer. De acordo com essa linha de raciocínio, uma vez que tiverem encontrado uma comunidade relevante em sua igreja, existe maior probabilidade de se tornarem crentes.

Hoje em dia, essa abordagem é bem recebida em vários lugares, mas, na verdade, não existe a possibilidade de “pertencer antes de crer”. Pertencer ao povo de Deus significa que você foi resgatado do reino das trevas e trazido para o reino da luz pela fé em Jesus Cristo (Cl 1.12,13). Pertencemos porque cremos, e nunca o contrário.

“Será que me encaixo aqui?” não é a pergunta do consumidor ou de alguém em uma busca. É a pergunta de quem duvida. No capítulo anterior, vimos que a igreja é uma dádiva de Deus para nos garantir que somos cristãos verdadeiros. Mas que parâmetros devemos definir? Consideremos duas respostas possíveis.

PERTENÇO POR CAUSA DE MINHA SANTIDADE

No capítulo anterior, enfatizamos o papel das evidências externas para dar garantias uns aos outros. Contudo, assim que adotamos o ensino bíblico de que devemos aceitar apenas os verdadeiramente convertidos como membros da igreja e, com isso, lhes dar garantias de sua fé, corremos o risco de cair no outro extremo. Sabemos que devemos procurar identificar no indivíduo amor pela verdade de Deus, distanciamento do pecado e disposição para obedecer a Deus. Mas quanta pureza moral, pessoal e doutrinária é suficiente? Quanto é muito pouco? É fácil tornar-se meticuloso demais, ou seja, relutante e cheio de suspeitas, na hora de aceitar alguém que não está à altura de nossos padrões, quer pessoais, quer comunitários.

É isso que os não cristãos temem em nós: que nos consideremos superiores; que fazer parte de uma igreja signifique ser uma pessoa boa, com uma vida, com uma política e com os vestuários “corretos”.

Quando nos tornamos excessivamente meticulosos, ao aceitar outros com base em nossa medida de santidade, passamos a ser fariseus. É o equívoco do fundamentalismo e o perigo que correm todas as igrejas conservadoras e teologicamente fundamentadas. Em momento algum Jesus condenou os fariseus por sua santidade. Ele os condenou por reduzirem a santidade a uma lista exterior do que fazer e do que não fazer que pudessem controlar e, depois, julgar todos os outros conforme seus parâmetros.

Se a santidade, qualquer que seja sua definição, é o critério para definir se você pertence a determinada comunidade, como a igreja deve decidir se alguém se encaixa ali? Quanta santidade é suficiente?

PERTENÇO POR CAUSA DE MINHA ESPERANÇA

No primeiro capítulo de 1Coríntios, Paulo nos encaminha para uma resposta melhor para nossa pergunta.

Sempre dou graças a Deus por vós, pela graça de Deus que vos foi dada em Cristo Jesus que em tudo fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo conhecimento, como o testemunho de Cristo foi confirmado entre vós, de modo que não vos falta nenhum dom, enquanto aguardais a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo que vos firmará até o fim, inculpáveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo (1Co 1.4-8).

Considere o louvor de Paulo. Ele agradece a Deus pela graça que receberam. Alegra-se porque foram enriquecidos em palavra e em conhecimento. Afirmar que eles têm o testemunho de Cristo. Diz que não lhes falta nenhum dom enquanto esperam pacientemente pela volta do Senhor. O tom desses primeiros versículos é quase tão positivo e animador quanto o início de 1 Tessalonicenses, do qual tratamos no capítulo anterior.

No entanto, esse tom muda rapidamente. Essas palavras estão entre as últimas palavras positivas que Paulo dirá a respeito dos coríntios em toda a carta. No início do capítulo 3, ele os chama de “crianças”, “carnais” e imaturos e diz que não têm condições de receber “alimento sólido” (v. 1-3). Essas linhas iniciais, porém, são de importância fundamental, pois nos permitem como Paulo é caridoso em relação aos coríntios. Não pertencem à igreja porque são maduros e perfeitos em santidade. Pertencem porque depositaram sua esperança em Jesus Cristo, e essa esperança dá novo direcionamento a sua vida.

O que acontece quando somos caridosos, e não cuidadosos? Usando o restante de 1 Coríntios, desejo destacar quatro grupos surpreendentes de pessoas que pertencem a nossas igrejas graças à sua esperança em Jesus Cristo.

Os imaturos

No capítulo 3, Paulo chama os cristãos coríntios de “crianças em Cristo”. Sua *doutrina* é fraca. Ainda têm muito que aprender no tocante à natureza e ao crescimento da igreja (cap. 3) e quanto à sua teologia a respeito dos cultos (cap. 14) e da futura ressurreição (cap. 15). Sua ignorância causa problemas e divisão na igreja. Há brigas por todo lado! A questão, porém, não é apenas a teologia da igreja. Seu entendimento de *vida* cristã é imaturo. Há confusão quanto ao consumo de alimentos sacrificados a ídolos (cap. 8), e suas ideias a respeito de casamento e vida de solteiro são distorcidas (cap. 7). Mas apesar de toda essa imaturidade, Paulo os chama de “irmãos” e declara que estão “em Cristo”.

Para algumas igrejas, essa é uma questão que precisa ser tratada. Nossas igrejas devem se preocupar com um modo de vida correto e com uma doutrina correta. Mas quer nossas comunidades tenham vindo de

denominações mais liberais, quer tenham sido fundadas para resgatar o cristianismo bíblico, somos capazes de ser caridosos com aqueles que ainda não chegaram à mesma medida de crescimento que nós? Há espaço em nossas igrejas conservadoras para acolher alguém menos maduro?

Os imperfeitos

Outro grupo que pertence à igreja é constituído dos imperfeitos. Essa expressão não é de Paulo, mas de Eleazar Savage. Pastor batista do norte, de Connecticut, no início do século 19, é dessa forma que Savage descreve os cristãos que precisamos tolerar. Nessa categoria, ele inclui os irritáveis, os tagarelas, os importunos, os ociosos, os mesquinhos, entre outros.¹ Poderíamos classificá-los de imaturos, mas a diferença é que algumas dessas falhas de caráter talvez nunca mudem em uma pessoa, não importa quanto amadureça em outros aspectos. Em 1Coríntios 1 e 3 vemos esses indivíduos tomarem partido em desentendimentos mesquinhos e em facções absurdas. No capítulo 14 não querem se calar e deixar outra pessoa falar. No capítulo 12 promovem seus dons com arrogância. E, no entanto, embora Paulo não elogie essas falhas de caráter, diz: “Vós sois o corpo de Cristo e, individualmente, membros de corpo” (12.27). Todos nós temos falhas de caráter que nos fazem manquejar, e talvez manquejemos a vida inteira. Precisamos suportar as imperfeições uns dos outros, pois, se você depositou sua esperança em Cristo, pertence à igreja.

Os fracos

Fica evidente que, embora os coríntios tenham aceitado a Cristo, continuam a lutar contra o pecado — e não é apenas pecado corriqueiro. Paulo confronta imoralidade sexual (cap. 6), divórcio contrário aos princípios bíblicos (cap. 7) e embriaguez (cap. 11). O apóstolo não faz vistas grossas para esses pecados. Não os varre para debaixo do tapete. A certa altura, diz aos coríntios: “Fugi da imoralidade” (1Co 6.18). Mas, logo em seguida, confirma sua fé ao perguntar: “Ou não sabeis que vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual tendes de Deus?” (6.19). Em outras palavras, Paulo sabe que cristãos autênticos são fracos na carne e lutam contra o

pecado. No entanto, oferece-lhes caridade porque sua luta é prova de sua esperança.

Anos atrás, trabalhei com um rapaz que lutava com séria imoralidade sexual, inclusive com a contratação de prostitutas. Era uma situação extremamente triste. Houve momentos em que os presbíteros da igreja consideraram seriamente a aplicação da disciplina eclesiástica. O que nos deteve foi o fato de que o rapaz verdadeiramente lutava contra esse pecado. Toda vez que acontecia, ele nos procurava para confessar o que havia feito e abria sua vida um pouco mais para nós. Teria sido fácil ele esconder seus atos e mentir para nós, mas ele não o fez. A igreja caminhou com esse irmão fraco e em dificuldade. Não dissemos “Você não pertence a nossa comunidade”, mas, sim, “Vamos caminhar com você em sua fraqueza e em sua luta”.

Hipócritas que escondem seus atos e mentem não esperam em Cristo, mesmo que mantenham as aparências. A luta sincera e franca demonstra verdadeira esperança em Cristo.

Os feridos

Além das lutas pessoais contra o pecado, há situações em que outros pecaram contra nós e em que reagimos de forma pecaminosa. Em nossa dor, nos tornamos agressivos a fim de evitar mais sofrimento. Entorpecemos a dor em vez de aplicar o bálsamo do evangelho. Talvez essa situação faça parte do quadro de 1Coríntios 6. Paulo repreende os coríntios porque “um irmão vai ao tribunal contra outro irmão, e isso perante descrentes” (v. 6). A história é conhecida: a melhor defesa é um bom ataque; portanto, se alguém o processa, você faz o mesmo.

No entanto, Paulo pergunta: “Por que não sofreis a injustiça? Por que não preferis sofrer o prejuízo?” (1Co 6.7). Ele exorta os coríntios a reagir com graça quando forem insultados e a reagir com perdão e amor quando forem atacados. Isso não significa que devem se sujeitar a abuso. Significa que, quando alguém peca contra nós, nossa reação deve ser condicionada pelo evangelho, e não por nossa dor. Observe mais uma vez, porém, que o apóstolo continua a chamá-los de “irmãos”.

Os que causam escândalo

Há uma categoria que, de acordo com Paulo, não pertence à igreja, e que ele não trata de modo caridoso: os perversos ou impenitentes. Embora ele também os ame, precisam que esse amor seja acompanhado de firmeza. Portanto, em 1Coríntios 5, ele diz que a igreja deve “expulsar esse perverso de [seu] meio” (v. 13). Em razão do pecado grave e da falta de arrependimento do indivíduo em questão, a igreja não pode mais confirmar que ele é um irmão em Cristo.

Mas algo extraordinário acontece adiante. Em 2Coríntios, Paulo diz à igreja: “Essa punição imposta pela maioria é suficiente. Agora, pelo contrário, deveis perdoá-lo e consolá-lo, para que não seja consumido por tristeza excessiva” (2Co 2.6,7). Na opinião de muitos, trata-se do mesmo homem de 1Coríntios 5. Ele parece ter se entristecido profundamente e se arrependido. Portanto, Paulo diz que a igreja deve recebê-lo de volta, perdoá-lo e consolá-lo com o fato de que ele pertence à comunidade. Não há pecado tão escandaloso nem história pessoal tão repulsiva, que não possa ser perdoada pela graça de Jesus Cristo concedida àqueles que se arrependem e depositam nele sua esperança. Se Cristo não rejeita o assassino, o homossexual ou o pedófilo arrependido, por que deveríamos?

A verdade é que os nomes de todos nós estão em algum lugar nessa lista. Você é imaturo em sua doutrina ou em sua vida? Tem falhas de caráter que outros precisam tolerar? Luta com transgressões e com o fato de outros terem pecado contra você? Não obstante em quantas categorias você se encaixe, se você espera em Cristo pertence à igreja dele.

A esperança em Cristo se evidencia em uma trajetória de crescimento, e não em haver chegado ao destino. Fica visível na disposição que alguém tem de ser ensinado, e não em saber tudo. Ela luta contra o pecado; não está sossegada em Sião (Am 6.1). Manqueja com as feridas da batalha, mas ainda assim prossegue. E apegase a estas palavras confiáveis: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1Tm 1.15). Nenhuma vergonha é tão grande que não possa ser abarcada pela vergonha da cruz de Cristo e, ali, redimida para a glória eterna.

Paulo chamou os coríntios de crianças, imaturos e carnisais. Não os rejeitou por isso, mas também não desejava que permanecessem nessa

condição. Exortou-os a crescer, e a fazê-lo na comunidade da igreja, pois ela é a escola da fé, não a galeria da fama da fé. Para usar outra imagem, se a igreja é videira de Deus, não somos os inspetores dos frutos, mas os agricultores que trabalham uns com os outros para ver o fruto da fé se formar.

Como isso acontece na prática? Na minha igreja, você confessa o evangelho por meio do batismo, articula sua esperança no evangelho concorda com nossa declaração fundamental de fé e de governo, e dá testemunho de seu desejo de crescer em sua esperança em Cristo. Se seguir esses passos, pode pertencer à comunidade.

Anos atrás, entrevistei um jovem casal de noivos que desejavam se tornar membros. Ela havia crescido na igreja, e sua história e suas respostas eram exemplares. Ele havia deixado uma vida de vício e imoralidade e, na melhor das hipóteses, suas respostas eram sinceras. Ainda assim, ao saírem da entrevista, ele tinha em seu interior a fagulha da vida espiritual, e ela não. Aceitamos ambos como membros. O noivado deles foi longo. Fizemos aconselhamento antes de se casar. No final, porém, chamei-o à parte e insisti para que não se casasse. Ela era membro ativo da igreja, mas eu tinha mais convicção que nunca de que não estava espiritualmente viva, mas morta em seus pecados. Foram adiante com o casamento e, durante anos, a igreja caminhou com eles ao longo de uma união conjugal difícil. O marido continuou a crescer como cristão, a esposa não. Por fim, o casal se mudou, e o casamento terminou em tristeza e divórcio quando ela o abandonou.

Será que cometemos um erro, anos antes, ao aceitá-la como membro? Não. Apesar de minhas intuições, não sou capaz de ver o coração, e você também não é. Em caridade, dissemos: “Você pertence a nossa comunidade”. Em caridade, caminhamos com ela, suportando-a e chamando-a mansamente à vida de fé. Se tivesse de fazer tudo de novo, tomaria a mesma decisão. A igreja não é para aqueles que chegaram ao céu, mas para aqueles cujas esperanças estão voltadas para ele. Em alguns casos, essa esperança se mostra falsa. Em outros, porém, até mesmo aqueles que vem até nós fracos e feridos, doentes e doloridos não se mostram falsos. É por pessoas como nós que Cristo morreu e edificou uma igreja, para que juntos possamos nos tornar o que Paulo descreve no final de sua Epístola aos Coríntios: “firmes na fé, homens e

mulheres de coragem, fortes, que fazem tudo com caridade”² Caridade é simplesmente um termo arcaico para amor.

¹ Eleazar Savage, *Manual of church discipline* (1863), in: Mark E. Dever, org., *Polity: biblical arguments on how to conduct church life* (Washington: Center for Church Reform, 2001), p. 487.

² 1Coríntios 16.13,14, tradução do autor.

CONCLUSÃO

Quando me mudei da costa leste dos Estados Unidos para a costa oeste, tornei-me parte de uma multidão de eleitores frustrados. No dia da votação, quando as urnas são abertas na costa oeste, onde fica o estado mais populoso dos Estados Unidos, o resultado da votação na costa leste e no centro-oeste já está definido. E, se o resultado já está definido, nossos votos fazem alguma diferença?

Podemos fazer a mesma pergunta a respeito de nossa doutrina da conversão na vida da igreja. Se a conversão é obra de Deus e se ele é soberano sobre nossa salvação, faz diferença como aplicamos a doutrina da conversão em nossa vida comunitária? Se nenhuma ação nossa pode impedir seu povo escolhido de ser salvo, será que realmente importa como praticamos o evangelismo ou damos garantias de fé? Se o resultado já está definido, não somos parecidos com a costa oeste no final do dia de eleição?

Ao fazer um levantamento da situação nas igrejas americanas evangélicas reformadas e conservadoras de hoje, ficamos com a impressão de que nossa doutrina não importa. O pragmatismo, e não a teologia, parece ser nosso guia em tudo, desde o evangelismo até os cultos e a membresia (ou a falta dela). Buscamos aquilo que parece funcionar, mesmo que seja contrário ao que afirmamos a respeito de como alguém passa da morte para a vida.

Na verdade, porém, nossa doutrina da conversão faz diferença. No primeiro século, Pedro se dirigiu às igrejas espalhadas pela atual Turquia. Estavam sofrendo pressão por causa de seu descompasso com a cultura ao redor, uma situação não muito diferente da nossa. Ao ver que esses cristãos eram tentados a fazer concessões pragmáticas, Pedro escreve para incentivá-los a permanecer fiéis. Depois de tratar de sua salvação e da vida em comunidade, Pedro chega a esta conclusão:

Mas vós sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva dele, para que proclameis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa

luz. Antes, não éreis povo, mas agora, sois povo de Deus; antes não tínheis recebido misericórdia, mas agora, recebestes misericórdia.

Amados, exorto-vos como a estrangeiros e exilados a vos absterdes das paixões da carne, que guerreiam contra a alma. Que sua conduta entre os gentios seja honrosa, para que, quando falarem contra vós, como se fôsseis malfeitores, vejam vossas boas obras e glorifiquem a Deus no dia da visitação (1Pe 2.9-12).

Nessa passagem, nossa teologia da conversão importa por, pelo menos, três motivos.

IMPORTA PARA DEUS

Para começar, Pedro destaca o que Deus fez. Deus nos escolheu. Deus nos fez sua propriedade. Deus nos tornou um povo. Deus nos concedeu misericórdia. Deus nos chamou das trevas para sua maravilhosa luz. Não é como chamar meus filhos para jantar e, com certeza, não é como chamá-los para realizar os afazeres da casa. Talvez atendam, talvez não. Meu chamado é um pedido, um convite que pode ser aceito ou não. O chamado de Deus é uma convocação que cumpre seus propósitos.

Deus realizou nossa salvação por meio da morte e da ressurreição de Cristo e aplica essa salvação a nós soberanamente por meio de seu chamado de salvação soberano. Ele nos dá ouvidos para ouvir o chamado. Dá-nos um novo coração para atender ao chamado. Dá-nos a graça dupla do arrependimento e da fé para nos apropriarmos da salvação oferecida a nós no chamado.

Então por que, exatamente, nossa teologia da conversão importa? Pedro responde: “Para que proclameis as virtudes daquele que vos chamou”. Importa para Deus. Como no original grego, a segunda pessoa aqui está no plural. Pedro escreve para igrejas, e não para indivíduos. A fim de compreendê-lo, precisamos nos lembrar de que ele está se dirigindo a “todos vocês”.

Deus quer que você o louve pessoalmente por sua salvação, mas Jesus não morreu apenas por você, e sim por seu povo, e Deus quer ser louvado por seu povo. Você pode gritar de alegria em sua sala de estar quando vê seu time vencer um jogo na televisão. Mas o barulho é consideravelmente maior no estádio em que acontece a partida. O propósito de Deus é ouvir todo o estádio.

O maior louvor coletivo ocorrerá no último dia, mas temos demonstrações prévias na igreja local. Faz diferença quem se reúne a cada domingo para cantar louvores a Deus. Alguns talvez gostem da amizade ou se beneficiem da programação. Mas, para isso, não precisam ser nascidos de novo. A fim de que Deus seja verdadeiramente louvado, a igreja local precisa de pessoas que, de fato, tenham sido resgatadas por Deus.

O culto na igreja local não é um exercício intelectual. É um louvor por aquilo que Deus fez em nossa vida. Por isso não é possível “pertencer antes de crer”. Pode haver participação ou envolvimento antes de crer. Mas nesse caso não há como pertencer à comunidade de fé, pois o propósito de Deus para aqueles que pertencem a seu povo é o louvor, e não podemos louvá-lo por algo que não experimentamos.

Pouco tempo atrás, conversei com um pastor cuja igreja contratou um consultor para ajudá-los a crescer numericamente. O consultor disse aos líderes que haviam compreendido equivocadamente o conceito de igreja. De acordo com ele, a igreja não é para os crentes, mas para os incrédulos. Portanto, precisavam mudar suas práticas para tornar a igreja mais atraente para os incrédulos, o que significava oferecer mais entretenimento. Em certo sentido, o consultor tinha razão. Se o objetivo é apenas crescimento numérico, o entretenimento funciona. Mas esse não é o objetivo de Deus para a igreja. Ele quer o louvor de seu povo, daqueles que sabem que receberam misericórdia.

A diferença entre a igreja como um aglomerado de pessoas e a igreja como uma reunião de crentes é a diferença entre aqueles que desejam entretenimento e aqueles que amam a Deus e transferiram sua lealdade para ele. É a diferença entre alguém que consome experiências religiosas e alguém que produz louvor às glórias do Cristo crucificado.

Nossa teologia de conversão tem importância, pois redireciona nossa forma de entender o propósito de nossa congregação e o significado de nossa membresia. Se nossas igrejas não estão cheias de crentes, Deus é privado do louvor que ele deseja e merece.

IMPORTA PARA NÓS

Depois, nossa doutrina da conversão importa para nós. Pedro lembra que somos “estrangeiros e exilados”, e diz que devemos nos manter afastados de nossos desejos pecaminosos que “guerreiam contra” nossa alma.

Para o cristão, a culpa do pecado é afastada e o poder do pecado é quebrado. No entanto, o pecado continua presente, o que não é pouca coisa. Sua intenção é nos assassinar. Como um puritano observou: “Ponha-se a matar o pecado, senão ele se porá a matar você”.¹ Também aqui nossa teologia da conversão na vida da igreja importa. A batalha contra o pecado garante que verdadeiramente cremos, e o fato de não estarmos sozinhos na batalha faz toda a diferença. Não podemos ajudar uns aos outros nesse conflito se não soubermos que estamos em guerra ou se não estivermos envolvidos na luta.

Precisamos uns dos outros nessa batalha. Precisamos dos outros membros da igreja, que entendem que o conflito é difícil, que sabem como nos ajudar e dar ânimo, que entendem que incentivar uns aos outros na fé é uma questão de vida ou morte sobre a qual paira o Dia do Juízo (Hb 10.25). Como é desanimador e confuso lutar contra o pecado e olhar para a direita ou para a esquerda e ver companheiros da igreja assistindo da arquibancada ou mesmo associando-se ao inimigo!

Conheci um líder cristão que era um conselheiro talentoso. As pessoas o procuravam com seus problemas — casamentos destruídos, conflitos familiares, ansiedade e depressão —, e todos eram verdadeiramente beneficiados por sua sabedoria e conselhos. Isto é, todos exceto um grupo: homens que lutavam com a homossexualidade. Quando iam a seu escritório, ele lhes ensinava que deviam ser discretos sobre sua preferência sexual e lhes dizia onde podiam marcar encontros com outros rapazes sem ser pegos em flagrante. No fim das contas, descobriu-se que esse líder também tinha atração por pessoas do mesmo sexo, mas havia perdido interesse na batalha. Acabou abandonando a fé completamente. E quantos rapazes ele dissuadiu de lutar contra o pecado que guerreia contra a alma?

Uma amiga da faculdade viu seu casamento se desintegrar quando o marido a deixou para ficar com outra mulher. Ela procurou a ajuda de seus líderes, e eles lhe disseram que não podiam fazer nada. Pouco tempo depois, a igreja evangélica da qual ela era membro recebeu seu

ex-marido e a nova esposa dele. E ela foi abandonada na noite escura da alma, uma experiência da qual levou anos para se recuperar. Quantos cônjuges tentados por adultério naquela igreja foram auxiliados em sua batalha contra o pecado que guerreia contra a alma?

Nossa teologia da conversão é importante para o discipulado, para o aconselhamento com base no evangelho e até mesmo para a disciplina eclesiástica, pois o pecado continua presente, e somos os sobreviventes feridos, porém ambulantes. Precisamos da ajuda uns dos outros em igrejas cheias de pessoas que lutem ao nosso lado.

IMPORTA PARA O MUNDO

Por fim, nossa doutrina da conversão tem importância por causa do mundo. Ao olhar para nossas igrejas, o mundo tem a convicção de que existe um Deus e de que há esperança de transformação. Pedro sabe que, quando as pessoas do mundo virem nossa conduta “honrosa” e nossas “boas obras”, talvez falem “contra nós”, mas também glorificarão a Deus.

Pedro diz que isso acontecerá “no dia da visitação”. É possível que essa expressão se refira ao Dia do Juízo. Não creio, contudo, que Pedro tenha essa ideia em mente. Ao longo das Escrituras, o dia da visitação de Deus é o dia da salvação, e glorificamos a Deus quando cremos nele.²

Se o mundo olha para a igreja e vê apenas a si mesmo com o simples acréscimo de um discurso religioso, como pode ter a certeza de que existe um Deus que dá esperança de algo diferente? Se as pessoas do mundo virem artificialidade e fingimento na igreja, a considerarão uma mentira. Mas, se virem que temos uma vida verdadeiramente transformada e em processo de transformação, algumas, como Pedro ensina, glorificarão a Deus nesse dia ao se tornarem cristãs.

Alguns anos atrás, um senhor de idade começou a visitar nossa igreja. Ela era cheia de jovens e, naturalmente, ele ficou à margem da comunidade. Mas não foi embora. Observou, ouviu e conheceu vários membros. E, certo dia, ele creu em Cristo. Em seu testemunho de batismo ele explicou o que havia acontecido. Era psiquiatra e professor universitário. Com base em seus estudos, o que ele viu naquela igreja não era possível: uma comunidade autêntica que transpunha barreiras

naturais; mudanças verdadeiras, e não apenas ajustes terapêuticos; amor abnegado e não de troca pelas pessoas. Não havia outra explicação para tudo isso senão que Deus era real e o evangelho de Jesus Cristo era verdadeiro.

A igreja local é o plano de evangelismo de Deus para o mundo. A igreja local é a garantia para o mundo de que Jesus ressuscitou dos mortos. Nossa vida verdadeiramente convertida, nossa comunidade autenticamente cristã, nossa dependência da graça, e não de técnicas, é a apologética de Deus para a incredulidade. Por isso tanto nossa teologia da conversão como a prática que flui dela importam para o mundo. Se o mundo não vê essa verdade em nós, onde a verá?

Deus escolhe e salva. A conversão é obra dele. E, no entanto, ele usa meios para alcançar seus fins predeterminados. Um desses meios é a igreja local. Damos testemunho do evangelho com nossas palavras. E tornamos essas palavras plausíveis com nossa vida. Para Deus, para nós mesmos e para o mundo importa que entendamos essa doutrina corretamente e a apliquemos fielmente na vida da igreja.

¹ John Owen, *Of the mortification of sin in believers; the necessity, nature, and means of it: with a resolution of sundry cases of conscience thereunto belonging*, in: *The works of John Owen*, William H. Goold, org., vol. 6 (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1967), p. 9 [edição em português: *A mortificação do pecado* (São Paulo: Vida, 2005)].

² Thomas R. Schreiner, *1, 2 Peter, Jude*, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman, 2003), vol. 37, p. 124.



9Marcas existe para munir os líderes da igreja com uma visão bíblica e recursos práticos, a fim de demonstrarem a glória de Deus às nações por meio de igrejas saudáveis.

Com esse fim, queremos ver as igrejas sendo caracterizadas por estas nove marcas de saúde:

- 1 Pregação expositiva
- 2 Teologia bíblica
- 3 Entendimento bíblico do evangelho
- 4 Entendimento bíblico da conversão
- 5 Entendimento bíblico da evangelização
- 6 Entendimento bíblico da membresia na igreja
- 7 Disciplina na igreja
- 8 Discipulado bíblico
- 9 Liderança bíblica na igreja

Encontre mais informações no site <http://pt.9marks.org>.

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DA SÉRIE

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

O QUE CARACTERIZA UMA BOA PREGAÇÃO?

Nesse volume acessível – escrito para pregadores tanto experientes quanto em formação –, o pastor David Helm apresenta o que todo pregador deve crer e conquistar para se tornar um expositor fiel da Palavra de Deus.



COMO VOCÊ SE RELACIONA COM A DOUTRINA?

Qualquer que seja a resposta que lhe venha à mente, esse livro não apenas o convencerá de que a sã doutrina é vital para uma vida piedosa, mas também explicará o papel essencial da teologia na vida de uma igreja saudável.

DE QUE MANEIRA A IGREJA REFLETE A BELEZA DE CRISTO?

O evangelho é uma mensagem teológica. Contudo, essa mensagem cria também beleza humana: belos relacionamentos em nossas igrejas que tornam a glória de Cristo visível no mundo de hoje.

Nesse livro oportuno, o pastor Ray Ortlund defende a ideia de que a doutrina do evangelho cria uma cultura do evangelho. Em muitas de nossas igrejas, a beleza de uma cultura do evangelho é a peça que falta ao quebra-cabeça. No entanto, quando permitimos que o evangelho exerça plenamente seu poder, a igreja brilha com a glória de Cristo.



EVANGELIZAÇÃO É MAIS QUE UM PROGRAMA

Imagine uma igreja em que a evangelização simplesmente faça parte da cultura da igreja. Os líderes estão sempre compartilhando a fé e o fazem abertamente. Os membros os seguem, incentivando uns aos outros a tornar a evangelização uma forma da vida. Esse é o conceito de evangelização apresentado nesse livro.



POR QUE DEVO SER MEMBRO DE UMA IGREJA?

Tornar-se membro de uma igreja é quesito essencial da vida cristã, sendo, porém, negligenciado com frequência. Aliás, a tendência atual é abandonar a prática da religião organizada, o que demonstra aversão ou medo de compromisso, especialmente em relação às instituições. Jonathan Leeman aborda essas questões de maneira objetiva, ao definir membresia na igreja e explicar por que ela é importante.

A DISCIPLINA BÍBLICA É ESSENCIAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA SAUDÁVEL.

Jonathan Leeman nos ajuda a enfrentar a enorme variedade de circunstâncias e pecados para os quais não há estudo de caso nas Escrituras. Tais pecados não aparecem em nenhuma lista e carecem de modelo bíblico para ser devidamente corrigidos em amor. Aqui está um guia prático, contemporâneo e conciso, com um arcabouço teológico para compreender e implementar medidas disciplinares na igreja local.



DE QUE MANEIRA AJUDAMOS AS PESSOAS A SE PARECER MAIS COM CRISTO?

Neste guia conciso, o pastor Mark Dever trata do fazer discípulos – ajudar as pessoas a seguir a Jesus – de forma profunda, respondendo às perguntas: Quem, o que, onde, quando, por que e como discipular?

A obra explica como os relacionamentos dedicados a fazer discípulos devem se conduzir no contexto da igreja local.



O QUE É UMA LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA EFICAZ?

Jeramie Rinne apresenta as funções do presbítero com base nos ensinamentos bíblicos sobre a liderança eclesiástica. Oferecendo orientações práticas para o novo presbítero e auxiliando os membros da igreja a entender melhor seus líderes espirituais e a apoiá-los, esse texto sucinto encorajará os presbíteros a abraçar seu chamado com graça, sabedoria e visão clara.

Esta obra foi composta em Warnock Pro
em outubro de 2017.